



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FE)

**A ATUAÇÃO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA PERSPECTIVA DO
DESENVOLVIMENTO DA AUTOESTIMA DO EDUCANDO**

DANIELA DE SOUSA OLIVEIRA MELO VERAS

Brasília- DF

2019

DANIELA DE SOUSA OLIVEIRA MELO VERAS

A ATUAÇÃO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA PERSPECTIVA DO
DESENVOLVIMENTO DA AUTOESTIMA DO EDUCANDO

Trabalho de conclusão de curso da Universidade de
Brasília (UNB), da Faculdade de Educação (FE),
para obtenção de título em licenciatura no curso de
Pedagogia. Área de concentração: Orientação
Educacional.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Maria da Conceição da Silva Freitas

Brasília-DF

2019

Trabalho final de curso de autoria de Daniela de Sousa Oliveira Melo Veras denominado “A ATUAÇÃO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO DA AUTOESTIMA DO EDUCANDO” para obtenção de título em licenciatura no curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, em 10/07/2019, à banca examinadora abaixo assinalada:

Professora Dr^a. Maria da Conceição da Silva Freitas (Orientadora)

Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília - UnB

Professora Dr^a. Maria Alexandra Militão Rodrigues (Examinadora)

Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Professor Dr^a. Alia Maria Barrios González Nunes (Examinadora)

Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília - UnB

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à minha orientadora Maria da Conceição, que despertou em mim o interesse por essa área que tanto nos ensina e contagia, que com seu bom humor e sua sabedoria pôde me inspirar e me dar a oportunidade de aprender sempre mais e a me superar. À Ana Claudia minha orientadora da época do estágio em orientação, que durante todos os dias que pudemos trabalhar juntas me mostrou o quanto devemos fazer tudo aquilo que é possível para um bom trabalho e que quando se tenta, sempre existirá resultados. Aos professores da banca que me avaliarão e farão parte desse processo único, ao meu irmão Daniel que esteve ao meu lado quando mais precisei e me ensinou a não desistir nunca do que quero, ao meu namorado Armando Sérgio, que me motiva todos os dias em busca dos meus sonhos e me arranca os melhores sorrisos, aos meus familiares, à minha amiga Milena que sempre me incentiva a construir os meus próprios caminhos sem ter medo de alçar voos e, aos meus amigos queridos Álvaro e Gabriele, que sempre que me viam queriam saber logo das novidades, à minha querida vó Germilina, que sempre me ensinou que o segredo da vida é ter fé e acreditar que de hora em hora tudo melhora.

AGRADECIMENTOS

Não tem como pensar em agradecimento sem pensar na minha Universidade, cada momento de aprendizagem e de conhecimento contribuíram para minha formação, agradeço à cada professor que pude ter a honra de ter aula, principalmente na Faculdade de Educação (FE) e ao amor que me passavam todos os dias pela nossa profissão, que em cada momento meu eu consiga levar o amor que vocês me ensinaram e continue regando essa flor incrível que é a nossa educação.

Agradeço também a minha orientadora Maria da Conceição, que durante todos os dias que pudemos estar juntas sempre me incentivou a buscar as melhores soluções e que me ensinou que não importa o que estivermos passando, existem pessoas que sempre guardaremos em nosso coração e lembraremos com boas risadas, à essa mulher de força e coragem que tanto me ensina e tanto foi presente em minha jornada acadêmica, minha eterna admiração.

À minha orientadora da época do estágio Ana Claudia que tanto me ensinou e me mostrou que não existem impossibilidades para aqueles que tentam e acreditam e que devemos fazer o que podemos, no contato com ela pude descobrir que seguirei essa área, que tanto se tornou especial. À Escola Classe 22 do Gama, que é o modelo de escola pelo qual sempre irei admirar e a todos os profissionais e alunos incríveis que puderam me ajudar na realização desse trabalho, sempre serei eternamente grata as coisas boas que essa escola me proporcionou.

Aos professores da banca que sem dúvidas, estão fazendo esse momento especial se concretizar em minha vida e me guiando na direção certa de minha escolha em ser educadora.

À minha vó Germilina que acompanhou todos os desafios e todos os problemas que aconteceram durante o processo de elaboração do trabalho e que não me deixou desanimar, com seu jeito único de ser, me ensina todo dia que para as coisas darem certo basta ter fé, fé que acalma o coração e nos dá a certeza para seguir em frente fazendo o melhor que podemos. Ao meu grande amor Armando Sérgio, o qual sou sortuda por ter ao meu lado, obrigada pela paciência e dedicação e por ser meu porto seguro, minha fonte de inspiração.

EPÍGRAFE

“Cada pessoa é um mundo, onde sua imagem se reflete e se determina em suas ações reais. “

Daniela Melo

Citação feita pela discente em abril de 2019, ao iniciar os estudos sobre o tema.

RESUMO

Esse trabalho tem como foco a atuação do orientador educacional na perspectiva da construção da autoestima do educando, visto que a autoestima é capaz de determinar e ditar comportamentos que permeiam as atividades educacionais e este profissional é o mais preparado para lidar com essas questões pois tem uma figura central na escola, bem como trazer reflexões acerca do objeto de estudo e sua presença nas relações escolares. O método utilizado foi o método misto, um método que envolve aspectos do método quantitativo e qualitativo, foram aplicados questionários estruturados para dois professores, um de cada segmento (Educação Infantil e Ensino Fundamental anos iniciais), que mostraram que na Educação Infantil o assunto é melhor colocado, e para o Orientador Educacional onde constatou-se que o tema está presente em sua prática e sua ação é essencial para lidar com questões que envolvam a construção da autoestima. Dois alunos um de cada segmento foram entrevistados, um apresentou tendências a baixa autoestima e o outro a elevada autoestima, bem como questões externas como a influência da tecnologia nas questões educacionais e pessoais apareceram intimamente ligadas. As conclusões são que há a necessidade de formar orientadores e profissionais que trabalhem com o assunto, que é necessário um olhar voltado para a dinâmica pessoal dos alunos enquanto sujeitos participantes da escola, já que à medida que avançam na vida escolar menos se fala e menos se considera o trabalho com a autoestima, e com o passar do tempo mais ainda se espera que a escola resolva os problemas sociais, emocionais e pessoais.

Palavras-chave: Orientador Educacional. Autoestima. Educação

ABSTRACT

This work focuses on the role of the educational advisor in the perspective of building the self-esteem of the learner, because self-esteem is able to determine and dictate behaviors that pervade this professional and educational activities is more prepared to deal with these issues because it has a central figure at school, as well as bring reflections about the object of study and your presence in the school relations. The method used was the mixed method, a method that involves aspects of the quantitative and qualitative method, structured questionnaires were applied to two teachers, one of each segment (early childhood education and elementary school early years) that showed that in the initial years the subject is best placed, and to the guidance counselor where it was found that the theme is present in your practice and your action is essential for dealing with issues involving the construction of self-esteem. Two students from each segment were interviewed, one presented trends the low self-esteem and other high self-esteem as well as external issues like the influence of technology in the educational and personal issues appeared closely linked. The conclusions are that there is a need to train counselors and professionals who work with the subject, it is necessary a look back to the personal dynamics of pupils while subjects participating in the school, since as they advance in school life less If speech and less if you consider the work with self-esteem, and over time more school still expected to resolve social problems, emotional and personal.

Keywords: Educational Advisor. Self-esteem. Education

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Principais comportamentos que influenciam na construção da autoestima.....	40
Tabela 2 – Detecção dos problemas de aprendizagem e ação em frente às questões que envolvem a autoestima dos educandos pelos docentes e o orientador.....	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Professor 1: Abordagem da autoestima na Educação Infantil.....	37
Gráfico 2 – Professor 2: Abordagem da autoestima no Ensino Fundamental anos iniciais.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC- Base Nacional Comum curricular

LDB- Lei de diretrizes e Bases da Educação

OE- Orientador Educacional

PNE- Plano Nacional da Educação

SUMÁRIO

PARTE I - MEMORIAL ACADÊMICO	1
PARTE II MONOGRAFIA/APRESENTAÇÃO.....	7
PROBLEMA.....	8
OBJETIVO GERAL.....	9
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	9
CAPÍTULO 1- EDUCAÇÃO E AUTOESTIMA.....	10
1.1. AUTOESTIMA NA LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL BRASILEIRA.....	14
CAPÍTULO 2- AUTOESTIMA E SEUS VÁRIOS SENTIDOS.....	16
2.1. BAIXA E ELEVADA AUTOESTIMA: COMO DETECTAR NO CONTEXTO ESCOLAR?.....	17
CAPÍTULO 3- ATUAÇÃO DO ORIENTADOR: UM CAMINHO PELA HISTÓRIA.....	18
3.1. ORIENTADOR E SUA ATUAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA.....	23
CAPÍTULO 4- MANIFESTAÇÕES DE AUTOESTIMA NO AMBIENTE ESCOLAR E SUAS IMPLICAÇÕES.....	27
4.1. RELAÇÃO ENTRE ALUNO E PROFESSOR NO AMBIENTE ESCOLAR.....	28
4.2. ENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL E RELAÇÕES DE NECESSIDADE AFETIVA.....	30
4.3. PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM E AUTOESTIMA.....	33
5. METODOLOGIA.....	36
6- ANÁLISE DE DADOS.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	54
APÊNDICE A.....	57
APÊNDICE B.....	59
APÊNDICE C.....	61

Parte I- MEMORIAL ACADÊMICO

“A ESCOLHA”

Ser quem eu sou, é o que me motiva,
Não tenho medo de errar e não procuro só acertar
Estou sempre pronta para tentar e recomeçar.
Sou uma menina simples,
De pequenos gestos e pequenas atitudes,
Que procura os amigos verdadeiros e os sonhos possíveis,
Que não desiste fácil, que só quer ser feliz.

Garota infantil, porém, feliz
Que ri de tudo mas sabe o que diz,
Acredito que se eu não tentar e não acreditar,
Nada vai se realizar, Deus está comigo e nada vai me atrapalhar.

Dou valor a tudo que tenho,
Não me deixo levar pelas coisas da vida
Que sei que vou passar,
Nada será fácil, mas acredito que irei superar.

Começo com essa pequena poesia, de autoria minha, a qual me define por completo. Se fosse para escolher uma palavra para me definir, escolheria a palavra intensidade. Sempre fui uma menina cheia de sonhos e cheia de expectativas, sou intensa, não aguento ficar parada e se tem uma coisa que me faz feliz é saber que estou indo na direção certa dos meus sonhos.

COMEÇO DA VIDA ACADÊMICA

Sempre fui muito dedicada na vida escolar, ainda mais por ser filha de professora, as cobranças sempre foram maiores. Fiz cursinho preparatório durante 3 anos e consegui a aprovação na Universidade de Brasília (UNB) para o curso de Farmácia, escolha que fiz por achar que tinha aptidão para a área de Ciências

biológicas, minha primeira opção era pedagogia, mas como tinha medo dos julgamentos e já me sentia pressionada, optei por assumir a vaga em farmácia.

“A escolha não é dada como opção; não somos educados e estimulados a realmente escolher, ao contrário do que nos apregoa o capitalismo. O exercício da escolha, ou o exercício da consciência, vem sendo diluído pela falta de oportunidades reais.” (SOARES, 2002, p.44)

Vivemos em um mundo onde a realização e o desenvolvimento pessoal devem ser o último tópico a ser pensado, ou seja, quanto mais envolvido com as atividades de produção e a garantia de benefícios ao mercado de trabalho melhor. A adaptabilidade aos processos de trabalho e as suas exigências garantem um bom profissional, quanto mais habilidades e quanto mais qualificado, mais apto ele estará para o cargo e melhor seu desempenho e consequentemente maior a remuneração.

Não importa o que você escolheu fazer, se você conseguir se manter no mercado de trabalho e tiver um emprego admirado por todos a sua volta, você já tem a garantia de felicidade para vida toda. O que é um equívoco, desde os primeiros anos do ensino fundamental somos ensinados que carreiras boas e únicas que garantem prestígio social e aceitabilidade populacional são: medicina, direito e engenharia, a grande tríade dominadora da sociedade, as demais carreiras agregadas à essas áreas também são bem vistas, sendo as demais totalmente ignoradas e menosprezadas, o que é triste porque todas estão interligadas de forma indireta e tem uma função social que contribui e enriquece as diferentes formas de se interpretar dados da realidade.

Não existe para o jovem uma arma poderosa: o tempo para pensar e se imaginar em algo, suas áreas de interesse são totalmente desconsideradas, ele é bombardeado a todo instante por palpites e padrões que vão além de seus próprios pensamentos e que já são determinados pela sociedade, o que acaba por dificultar mais ainda seu processo de escolha. São diversos fatores a serem considerados: são guiados pela nota que dá para passar, pressão da família e da sociedade e crises internas de identidade, porque por ser um futuro incerto, temem que não haverá outra chance e que poderão se realizar em algo que veio naquele momento, o que aconteceu comigo e acontece com vários jovens nos dias de hoje.

Ao entrar no curso de farmácia fiz disciplinas que me fizeram passar por diversas crises de identidade e frustrações, por um lado quis continuar, mas desde o

primeiro momento sabia que todo aquele mundo não era para mim. Ao longo do desenvolvimento do curso (o qual permaneci durante dois anos), descobri meu dom de ensinar: todos os conteúdos que eram ministrados eu explicava para os meus colegas, que amavam quando eu explicava para eles e faziam questão de marcar dias para eu ensinar os conteúdos das últimas aulas. Eles sempre me falavam o quanto eu era boa ensinando e o quanto eles se sentiam gratos por eu sempre ajudar eles. Mas mesmo que eu insistisse, eu não me encaixava naquele curso, não tinha ânimo nenhum em ir para faculdade e só fazia as coisas por obrigação, os momentos mais legais eram quando eu estava com eles.

Um dia, durante uma apresentação de uma disciplina do curso, a qual o professor não teve uma postura ética e acabou sendo desrespeitoso comigo, me marcou muito. Para não sair prejudicada pedi uma nova chance para ele e reapresentei o seminário, o mais inexplicável quando reapresentei foi que eu me senti completa, eu amei estar ali na frente, amei saber tudo o que estava fazendo, eu amei com todo meu coração estar ali. E precisei de alguém que me mostrasse que eu era capaz de ensinar uma turma, como eu ensinei aquele dia. Sou grata a esse professor até hoje, por ter me mostrado o caminho para a realização de um sonho.

O mais difícil nessa transição foi encarar meus pais, que sempre depositaram sonhos em mim como o de ser uma médica, mas depois que encarei a área da saúde, vi que ser uma médica não combinava nada comigo e com quem eu sou, é um trabalho frio, de controle das emoções e de diversas crises de consciência todos os dias. Defender esse sonho deles custou caro para mim, que prolonguei minha passagem no curso de farmácia, completando dois anos consecutivos, mesmo sabendo que nada daquilo era para mim, tentei ser otimista e levar até onde desse, mas chegou um ponto, que saí da zona de conforto e fui atrás do que eu acreditava desde sempre.

Chegar em casa todos os dias, deitar e refletir o quanto eu seria feliz se tivesse escolhido a minha primeira opção (Pedagogia) era minha rotina, sempre foi pedagogia, primeiro porque cresci vendo minha mãe e acompanhando o quanto ela era boa no que fazia, com seus projetos de teatro ela conseguia unir sorrisos como ninguém, sempre foi uma professora excepcional, eu participava de todos os projetos da escola onde ela trabalhava. E segundo o quanto essa profissão é única, sempre gostei da admiração das crianças em conhecer o novo, de escutar e ensinar, nunca

deixei de ensinar e de aprender com todos, todos os professores que já tive, sempre me mostraram que a educação é libertadora e construtora de uma história.

“ O momento de decisão dos filhos leva os pais a reagirem de forma oposta àquela como foram tratados no momento da sua escolha. ”
(SOARES,2002, p.81)

Quando conversei e fui franca sobre minha mudança de curso, todos me perguntaram se eu era louca, se eu queria morrer de fome, se eu queria ser babá, todos os dias eu escutava coisas horríveis que tinham como objetivo me desmotivar, afinal sair de um curso da área de saúde e ir para um de “humanas” era algo humilhante para todos, mas não era para mim, as pressões de todos a minha volta tinham como objetivo me desencorajar e me fazer gostar do que fazia, em nenhum momento o que era bom para mim foi considerado, o que me deixou triste e com medo, porque era tudo muito incerto naquele momento.

Fazia três anos que eu estava fora do ensino médio e por conta disso senti a necessidade de fazer um cursinho para o vestibular, quando pedi para meus pais eles se negaram a pagar e me humilharam, chegaram até me agredir, mas não desanimei. Mesmo com o psicológico abatido e cheia de traumas comecei a estudar sozinha, com meu próprio material que havia guardado e com videoaulas na internet, tudo isso com a ajuda do meu irmão mais novo, que me ajudou durante todo este período. O medo e a incerteza tomavam conta de mim, afinal se não conseguisse a aprovação teria como segundo plano a continuação do curso de Farmácia com o objetivo de adquirir créditos para a mudança de curso. Confesso que quando saiu o resultado do vestibular fiquei em choque, ali estava eu entrando no curso de pedagogia na Universidade de Brasília (UNB).

Agradeço muito a meu namorado Armando que sempre esteve ao meu lado, por todas as vezes que falava que estava infeliz em um curso que não combinava comigo e ele me deu conselhos e me apoiou, além de me proteger de tudo que estava passando, afinal todos o culpavam pela minha decisão, ao meu irmão caçula Daniel que lutou por algo que eu acreditei e não me deixou sozinha e também as minhas amigas Teresinha, Milena, Kymbelie e Ana que me apoiaram desde o início e não me deixaram desanimar e apesar dos pesares aos meus pais, que durante o tempo de realização do curso mesmo não demonstrando interesse e não aprovando a minha decisão, não me impediram de ir e me deram o suporte necessário para a conclusão.

Hoje, ser estudante de pedagogia e estar concluindo o curso e realizar o que sempre queria desde sempre, me fascina, e aprendi que se eu estiver feliz com a escolha que fiz, todos os outros um dia virão a estar felizes, porque ninguém merece mais ser feliz do que eu mesma.

No decorrer do curso, conheci pessoas boas e amigas, que se preocupavam comigo e me fizeram sentir tão importante, cada dia que as via elas me alegravam, especialmente Mônica que a conheci por admiração intelectual na sala, Dayana que conheci por perguntar se teria aula, Nelson que veio do Congo e o conheci por ele não compreender o que a professora estava falando, pessoas que me ensinaram que os detalhes nos fazem feliz e se pudermos dar boas risadas juntos, isso já nos faz felizes.

Cada pessoa que conheci, cada colega com quem pude conversar me ensinou coisas únicas, me mostrou novas maneiras de se pensar o outro e saber sobre ele, mas o melhor de tudo durante esse percurso foi conhecer docentes tão apaixonados pelo que fazem, cada professor que me deu aula conseguia transmitir o amor pelo que faz e a beleza do ensino em sua amplitude: nas discussões, júris simulados, nos textos, nas conversas, nos trabalhos de campo e em cada comentário.

Sou grata à cada professor com quem pude ter aula e ao amor que me passaram, sempre me mostraram que a felicidade está em se fazer o que ama, guardarei cada um em minha memória e em meu coração e levarei cada ensinamento comigo, porque sei que ser professor é bater de frente com aquilo que a sociedade pensa e ser capaz de se orgulhar do que faz, é ser um louco em meio ao que é comum e fazer a diferença quando ela não existe, é ação e reação, é se permitir ser a melhor versão que conseguir e contagiar todos à sua volta.

Espero para o futuro, que eu seja feliz com todas as escolhas que fiz, que eu possa aprender a cada dia mais o dom de ser feliz, que as coisas pequenas sempre possam ser grandes e bonitas, e que eu consiga fazer a diferença na vida de várias pessoas através do meu trabalho.

O lado de acreditar no melhor das pessoas é presente em mim, cada aluno que já conversei, cada pessoa que incentivo e busco ajudar me diz: “nossa Dani, como você é boa com as palavras”. Ser boa com as palavras para mim é algo que me diz sobre minha personalidade forte, não aguento ver situações mal resolvidas e não

deixo ninguém ao meu redor achar que não é capaz de algo, o que eu puder fazer para levantar aquela pessoa eu farei, não é à toa que pretendo seguir carreira na Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF), na área de Orientação Educacional, área pela qual sou grandemente encantada e admirada, a qual tive contato no estágio obrigatório e a qual aprendi e vivenciei diversos momentos e situações que contribuíram para meu desenvolvimento pessoal e profissional.

PARTE II- MONOGRAFIA

APRESENTAÇÃO

A escolha desse tema se deu devido a observações feitas no estágio obrigatório, que despertaram o interesse no tema. Vários foram os problemas recorrentes observados e várias foram as indagações construídas. A importância do orientador educacional para questões de autoestima é essencial, as relações interpessoais são relações construídas e precisam de uma mediação que requer um preparo, uma qualificação profissional não somente do orientador educacional mas também do corpo docente. A importância do agir desses profissionais reflete na construção e no desenvolvimento da autoestima.

A importância desse trabalho está voltada para a importância do profissional da orientação educacional como figura central em uma escola. As questões recorrentes foram identificadas de acordo com o embasamento teórico e levantamento de dados por meio de questionário estruturado com a orientadora e professoras e entrevista com alunos de uma escola pública da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF). O objetivo desse trabalho é relacionar a importância do trabalho com autoestima por meio do orientador, bem como trazer reflexões acerca do objeto de estudo e sua influência nas relações escolares e possíveis comportamentos que podem ser observados.

PROBLEMA

A atuação de um orientador pode ou não ser forte na escola, existe uma sobrecarga em seu trabalho devido as demandas que lhes chegam. Um orientador pode participar da estratégia de matrícula e conselhos de classe, promover análises de indicadores de aproveitamento escolar, acompanhar a vida escolar anual dos alunos e é capaz de dizer se vai existir evasão, repetência e infrequência, bem como detectar questões que envolvam a autoestima, identificando a importância do agir e do modo de se fazer parte do processo escolar do aluno como meio onde ele reflete sua autoestima e a influência de fatores externos na dinâmica das relações familiares; como a tecnologia que tende a fragmentar as relações sociais e criar mundos aparentes que podem contribuir para uma visão positiva ou negativa de si internalizadas, nas reuniões com os pais o OE abre espaço para o diálogo e aproveita os momentos de atendimentos aos pais para incentivar a participação e o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos, mostrando como isso é importante para o desenvolvimento da criança e para estimular as possíveis capacidades que ela tenha, impactando positivamente na autoestima.

Além de entender a dinâmica das relações entre o professor e o aluno e de detectar questões que envolvam a autoestima relacionados a problemas de aprendizagem sendo mediador positivo e garantindo assim uma relação recíproca entre professor e aluno, o OE tem um papel fundamental em lidar com questões de autoestima que envolvam professor e aluno, já que muitos profissionais não trabalham o assunto de forma direta e podem apresentar comportamentos pessimistas quanto a si, o que reflete diretamente na sala de aula e pode estar intimamente ligado à própria autoestima do docente.

OBJETIVO GERAL

O objetivo desse trabalho é entender a importância do papel do orientador educacional para a superação de situações que envolvam a autoestima e suas implicações, que podem ser detectados a partir de comportamentos pessimistas, levando a um baixo rendimento escolar e relações interpessoais prejudicadas no ambiente escolar, bem como entender e analisar as relações estabelecidas entre a orientadora e as construções feitas por essas crianças e a relação dos professores com o objeto de estudo, já que são o primeiro contato da criança quando se trata da construção da autoestima.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar quais são as percepções dos professores e da orientadora quanto a autoestima
- Analisar as condições de trabalho do OE no contexto escolar e sua atuação para a superação e detecção de situações que envolvam a autoestima e suas implicações
- Entender a atuação do professor e sua importância para a construção das relações de autoestima
- Identificar comportamentos comuns que relacionem a construção da autoestima do educando e fatores externos que influenciam diretamente;

CAPÍTULO 1- EDUCAÇÃO E AUTOESTIMA

O termo Educação possui uma multiplicidade de significados, caminha conjuntamente com o contexto histórico vivido e pode nos ensinar as variantes que a compõe. É cultural quando os envolvidos destinam a ela crenças e valores existentes, é política quando se compreende o ato de enxergar e pensar a realidade, é social já que envolve toda a sociedade e seus componentes e é crítica quando consegue atingir a mudança esperada e transformar a realidade. Brandão, associa a educação como algo presente:

“Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos. (BRANDÃO, P.4,1991)

Quando se fala da educação associamos com construção coletiva, ou seja, deve ser levado em conta que cada pessoa tem sua individualidade quanto ao modo em que o conhecimento pode ser utilizado e no que vai ser utilizado, não é de um dia para o outro que ele é obtido e o mesmo vale para questões construídas no meio escolar que caracterizam e prejudicam alunos. É uma construção de cada experiência e contato com o mundo, a educação se dá assim, de forma dinâmica, em seu próprio tempo e de seu próprio modo e não pode ser considerada uma coisa individual, mas sim coletiva, pois o saber é utilizado e transformado por cada pessoa, bem como as questões que envolvem a educação, que podem estar fortemente enraizadas na cultura.

A autoestima tem várias significações, engloba vários eixos estruturantes que ampliam seu entendimento. Podemos associar com a construção pessoal estabelecida com seu próprio eu embasado na opinião e nos sentimentos quanto a si e com os diversos fatores que acabam por contribuir para essa significação própria: a sociedade, a família, os colegas, sua cultura, seu comportamento e diversos fatores que influenciam ativamente na percepção do contato com o mundo. Andrade define Autoestima como:

“A opinião e o sentimento que cada um tem de si mesmo, é ter consciência de seu valor pessoal, acreditar, respeitar e confiar em si. A autoestima, juntamente com o amor-próprio é a base para o ser humano.” (ANDRADE,2013, p.5513)

A autoestima está fortemente relacionada com a autoimagem do indivíduo em frente as situações vividas, ela é fator determinante de contextos de aceitação e rejeição. No meio escolar, é papel da escola entender os processos de autoconhecimento por qual toda criança necessita, nos primeiros anos da infância é normal que a criança exija seu espaço e busque aceitações positivas por todos a sua volta, é o momento em que elas se sentem parte do mundo e querem definir seu espaço. Quando suas ações são vistas como negativas e seus comportamentos são interpretados de formas extremas, acabam interferindo no seu desenvolvimento e consequentemente em sua vida escolar. Toda a construção de si realizada na infância pode ser determinante de uma trajetória pessoal, já que a autoestima está presente em todas as ações na vida e ao sucesso ou fracasso de atividades que são realizadas em seu decorrer.

O trabalho do OE é uma construção de novas ideias e de novos métodos que pode estar relacionada com a maneira em que tanto o aluno como o professor e todos os participantes da vida escolar podem ver o mundo e nele ser capaz de construir novas visões, seu papel se diferencia com os contextos e com as novas formas de mundo que são construídas. É um profissional que deve atender às necessidades de seu tempo e assim fazer com que as questões recorrentes sejam resolvidas. Vivemos em um mundo onde as relações são cada vez mais instáveis e o contexto tecnológico é exacerbado garantindo assim a individualidade cada vez mais forte, o que gera questões nas entrelinhas que devem ser observadas pelo orientador educacional.

O tema a ser tratado será a autoestima e a importância do OE para a melhora significativa e para a superação de questões existentes no ambiente escolar, já que muitos alunos podem apresentar comportamentos que influenciam as relações escolares de forma direta e podem estar associados à autoestima, o que pode influenciar em sérios problemas que envolvem o contexto escolar, como a prática de violência, bullying, o reforço da intolerância e o baixo rendimento escolar. A educação, segundo Grinspun:

“A educação é uma prática social, e a orientação deve ser vista como uma prática que ocorre dentro da escola, mas cujas atividades podem e devem ultrapassar seus muros; uma prática que caminha no sentido da objetividade, da subjetividade e da totalidade da educação. ”
(GRINSPUN, 2011, p.24)

O papel do orientador educacional na escola é de extrema importância para a resolução de conflitos e de detecção de pequenos problemas que estão presentes nas relações escolares e nos processos de aprendizagem, é uma prática social que se embasa na maneira em que o orientador interage com seu local de trabalho e lida com as peculiaridades que ele possui e com seus atores, que são atuantes e fazem parte do propósito educacional.

Este assunto é encontrado evidentemente até em observações de comportamentos adultos, que se não forem tratados da melhor forma, acabam passando despercebidos e, com o decorrer do tempo é capaz que se tenha o desenvolvimento de possíveis traumas e fraquezas, que acarretam em grandes frustrações, levando a condições em que não se sintam capazes de estabelecerem relações e realizarem tarefas consideradas simples, por acharem que não são capazes de realizar. Rangel define palavra como:

“Palavra é responsabilidade de quem a emite; ela vem, primeiro no pensamento e, depois, expressa-se na escrita, na oralidade, nos gestos, nas atitudes. Na origem da palavra- o pensamento- pode-se confirmar, ou não, o que vai se dizer, pode-se sustentar, ou não, as razões desse dizer e pode-se, refletindo mais fundo, prever os efeitos do que vai ser dito. A formulação das palavras tem, portanto, origem no pensamento e requer reflexão e consciência do seu poder. (RANGEL, 2015, p. 60).

Palavras ditas como “não sou capaz”, “não consigo fazer isso”, “ não sei fazer”, sem contar as inúmeras palavras que podem ser observadas e faladas pelas crianças em relação a si mesmas, nos mostra o quanto as palavras têm poder e podem dizer sobre a subjetividade dessas crianças. Muitas dessas frases foram construídas pelos adultos próximos e internalizadas pelas crianças como verdade absoluta, sendo difícil elas abandonarem esses pensamentos e se sentirem úteis com o que fazem, tornando o convívio na sala de aula cada vez mais difícil e conseqüentemente sua autoestima mais baixa ainda, é na prevenção e na análise que o orientador deve atuar, entendendo os diversos contextos que permeiam esses pensamentos.

Falar desse assunto nos remete à palavra resiliência que em sua melhor definição está relacionada a superação de problemas e obstáculos que acontecem para que o sujeito se transforme e passe a se conhecer, porque temos facilidade em

apontarmos as coisas sobre o outro e quando se trata de nós mesmos, não sabemos nos definir devido as construções que já existem sobre nós e as que internalizamos como constituintes de nossa singularidade, estando a família intimamente ligada à construção dessas visões e ao reforço delas. Grinspun quando relaciona a subjetividade afirma:

“ A subjetividade envolve, então, tanto o conhecimento em si, como a emoção, o simbólico e a representação que o indivíduo faz da própria realidade, assim como o que está disponibilizado pela sociedade e é apreendido e interpretado pelo indivíduo. O Eu desse indivíduo se relaciona com o mundo, tenta compreendê-lo e compreendendo tenta se compreender, também. ” (GRINSPUN, 2011, p.217).

Não podemos esquecer da importância da subjetividade para a construção e significação da autoestima e de como ela traz consigo valores em que a própria pessoa carrega e está ligada ao processo de identificação de cada indivíduo em conjunto com suas emoções, história de vida, lugar em que vive e relação com o mundo e grupos que estabelece durante a vida, sendo responsável pela maneira em que o aluno se vê e em como se sente parte integrante de uma cultura.

As relações escolares são marcadas pelo grande atrito entre a educação dada pelos pais, a forma em como a escola escolhe trabalhar valores e as dificuldades encontradas pelos alunos em se relacionar com seus colegas e até mesmo com a própria escola, já que são considerados sujeitos em desenvolvimento e estão construindo sua própria identidade. É no meio entre professor-aluno e conhecimento que se encontra a figura do orientador, que deve ser capaz de inferir sobre questões internas e externas que afetam diretamente o trabalho pedagógico.

É um espaço onde as diferenças podem ser consolidadas e propagadas, é aqui que entra o perigo, se a escola não for um espaço de construção de valores e respeito e a atuação do orientador educacional for inexistente ou muito fraca, a intolerância se fará presente e conseqüentemente o multiculturalismo conservador ganha mais espaço, mesmo que as diferenças sejam reconhecidas, elas não serão respeitadas, o que pode levar essas escolas a enfrentarem problemas atuais como o bullying, racismo, a exacerbação da violência e a intolerância, bem como a baixa autoestima e tudo que a envolve, o foco do meu trabalho é analisar a importância do trabalho e

atuação do orientador educacional em situações de detecção de autoestima e suas contribuições.

1.1. AUTOESTIMA NA LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL BRASILEIRA

A vida escolar é contribuinte no processo de construção de si mesmo, é algo marcante principalmente para crianças da educação infantil, já que na escola essas crianças irão estabelecer relações de contato com o mundo fora de casa e estão sempre construindo novas visões de mundo e de si mesmo, tudo sempre é novidade e deve ser compartilhado. As escolas devem tratar sobre temas que englobem a construção da personalidade e da autoestima.

Considerando que a educação é um direito público subjetivo e visa o pleno desenvolvimento do educando como participante de uma sociedade, pouco se considera os aspectos socioemocionais que contemplam a autoestima nas legislações vigentes no Brasil, ficando a critério de cada instituição a maneira como essas questões serão abordadas.

O Plano Nacional da Educação (PNE) em vigência desde 2014 com previsão até 2024, conta com vinte metas distribuídas para a superação de questões educacionais existentes, englobando desde a porcentagem de crianças na educação infantil até a porcentagem do investimento público direto em educação em relação ao produto interno bruto (PIB), envolvendo apenas no que se trata dos alunos, seus perfis e situações das escolas e as porcentagens de matrículas e os níveis de formação docente.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996) deve ser usada e pensada para orientação de gestões e práticas docentes nas escolas brasileiras, abrange desde a Educação Infantil até o Ensino Médio e conta com uma parte diversificada que é exigida pelas características regionais e locais e pela cultura e clientela escolar, ficando por responsabilidade da escola a escolha em abordar certos temas.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) implantada em 2017, no que diz respeito a educação infantil, ela conta com seis direitos de aprendizagem: Conviver, Brincar Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se, bem

como cinco campos de experiência, que auxiliam a criança a se desenvolver no contexto escolar.

O sexto direito de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil centraliza a criança como construtora de suas experiências e de sua própria imagem, reforçando a construção de uma autoestima positiva:

“Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (BRASIL, 2017, p.38)

Situações simples podem ser criadas para que situações assim sejam tratadas e para que cada criança se situe como participante ativa da sociedade, podem ser despertadas pela curiosidade e pelo comprometimento da escola com as relações afetivas e trabalhos de autoconhecimento, onde se destaca o estabelecimento de relações positivas entre ambos e de interações construtoras que facilitem o compartilhamento de objetivos comuns e definam grupos de afinidade que tratem questões acerca de autoestima, sempre considerando os sentimentos e as impressões construídas por cada criança em seu contexto, mesmo que a legislação não contemple e não esteja explícito como essas questões podem e devem ser consideradas.

Não há um manual a ser seguido e nem uma forma de escolha para se tratar de autoestima nos ambientes escolares, cada escola possui autonomia de escolha e verificação de questões que estão intimamente ligadas a esse conceito.

CAPÍTULO 2- AUTOESTIMA E SEUS VÁRIOS SENTIDOS

Autoestima é o que chamamos de resultado das interações e sentimentos construídos quando estabelecemos sentidos que nos são próprios, sejam eles marcados por diferentes pontos de vista, opiniões e observações. No dicionário podemos encontrar essa definição:

“Apreço ou valorização que uma pessoa confere a si própria, permitindo-lhe ter confiança nos próprios atos e pensamentos. ”
(AURÉLIO,2018)

Está intimamente ligada ao valor pessoal e a noção de auto capacidade que uma pessoa pode ter, para que ela possa vivenciar a si mesmo, tendo confiança em seus atos, consideração em suas falhas e aceitação de seus erros, de forma que se tenha um crescimento pessoal reforçado positivamente que a impulsiona a ser merecedora de sucesso e experimente a felicidade.

A definição formal de autoestima:

“Autoestima é a disposição da pessoa para se vivenciar como alguém competente para enfrentar os desafios da vida e merecedor de felicidade. ” (BRANDEN,1995, p.20)

Vários são os conceitos e as formas como ela pode ser definida, ou seja, ela aparece em todas as áreas da nossa vida e é capaz de determinar, citar comportamentos e modos de conduta, está intimamente ligada as formas de ser e se pensar e construir uma imagem e uma versão de nós mesmos, em busca de algo que nos faça feliz e alcance resultados competentes.

Segundo Branden (1995) autoestima é a confiança que temos em nós para pensar e enfrentar os vários desafios que teremos ao longo da vida, e a confiança de que podemos ser felizes com o que somos, com o que fazemos e com o que iremos nos tornar, estando abertos a desfrutar aquilo que é nosso por direito e esforço.

Nenhuma pessoa se comporta monoliticamente, todos somos um o tempo inteiro, somos um em cada contato com o mundo que presenciamos, em cada ato e relação interpessoal estabelecida, e a autoestima nos guia e nos impulsiona a sermos ativos em nossa vida e está ligada a forma como o indivíduo se enxerga e interage com si, em sua totalidade.

2.1. BAIXA E ELEVADA AUTOESTIMA: COMO DETECTAR NO CONTEXTO ESCOLAR?

A baixa autoestima pode ser entendida como o fator ou o conjunto de fatores que podem alterar a dinâmica pessoal e induzir a desvios de competência, capacidade e merecimento, resultando em reforços negativos acerca de si mesmo e impedindo construções positivas de valoração.

Anthony(1980) aborda três causas essenciais que acarretam a baixa autoestima em nossa sociedade: a primeira delas está relacionada com os pais, no sentido de que, as crenças e valores impostos pelos pais acarretam visões de mundo que devem ser seguidas e serem entendidas como verdade absoluta; a segunda se diz respeito aos ensinamentos negativos que são recebidos e propagados pela escola, concebidos pelos professores e encontrados em exames de verificação de rendimento, as avaliações formais, que podem reforçar diferenças e desigualdades. A terceira causa está relacionada com a cultura, ou seja, conceitos religiosos que associam a culpa e a indignidade, voltados para o merecimento e respeito às regras morais, não se limitando apenas à religião, mais aos contextos sociais que exigem adaptabilidade do indivíduo.

As tendências das pessoas com baixa autoestima podem estar associadas as características emocionais, físicas e psicológicas do indivíduo que são fatores determinantes para a sua forma de conduta e limites para o estabelecimento das relações, em um contexto de sala de aula podem aparecer com frequência.

Quanto as características emocionais elas podem aparecer quando um aluno se encontrar agressivo, muito tímido e quieto, rebelde, muito triste, possuir mania de se rebaixar e se comparar aos colegas, possuir mania de perfeição com tudo que realiza, se cobrar o tempo inteiro na realização de atividades e não suportar erros. A aparência é um fator que ultimamente afeta nas questões de baixa autoestima com mais frequência, porque nossa sociedade cobra das crianças desde sempre que elas sejam sempre perfeitas, estejam arrumadas e se destaquem por aquilo que vestem ou tem, isso nas escolas é algo que impacta as relações. Crianças que não se encaixam nos padrões capitalistas mundiais, que não tenham o celular da moda, o tênis da moda, ficam obsessivas em ter e se tornam frustrados e não aceitam a sua

própria realidade, porque muitas vezes suas famílias não possuem recursos e nem como manter essa criança na escola.

As questões psicológicas são as mais difíceis de serem observadas, porque atualmente as crianças tendem ao isolamento e a individualidade devido ao grande exacerbamento das novas tecnologias, já nascem em um contexto digital. Algumas atitudes podem ser observadas: busca excessiva por aceitação do professor ou dos familiares próximos, se depreciam em suas falas, se sentem culpados quando agem sozinhos, são dependentes dos adultos próximos na realização de pequenas atividades e guiadas pelo medo, se consideram perdedores sem tentar e o professor tem dificuldade em inserir em atividades grupais.

A elevada autoestima é marcada pela consideração de valoração e realização pessoal consigo mesmo, é quando a pessoa se sente bem por ser o que é e agrega a si, atitudes e valores que a guiam rumo a seu desenvolvimento e satisfação pessoal em sua dinâmica de estabelecimento de relações e busca de competências que tornem sua vida significativa e de reflexo positivo.

A elevada autoestima também pode ser facilmente detectada e pode ser prejudicial em um contexto escolar: o aluno pode apresentar comportamentos de excesso de convencimento, mania de diminuir os colegas com o que sabe, desvios de caráter e arrogância, se vê como o mais importante em seu meio social e quer os holofotes somente para ele, ignorando as relações sociais que estabelece e reafirmando seu espaço o tempo inteiro, não se importando com suas atitudes e o reflexo delas para os demais colegas.

CAPÍTULO 3- ATUAÇÃO DO ORIENTADOR: UM CAMINHO PELA HISTÓRIA

A constituição de 1937, no que se referia a educação apresentou um conjunto de reformas voltadas ao ensino industrial, secundário e comercial, que se chamavam Leis Orgânicas. Logo em seguida, tivemos decretos-lei que complementavam essas leis, adicionando assim um enfoque ao ensino primário, normal e agrícola e a criação do Serviço Nacional de aprendizagem industrial (SENAI) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), ou seja, de acordo com o governo e o tempo histórico, a educação sempre tinha como meta considerar os interesses reais e atender as propostas idealizadas pelo governo e pelos modos de produção.

Essas leis orgânicas foram um marco para o campo da orientação educacional, aparecendo primeiramente na Lei orgânica do ensino industrial, tendo como função o atendimento aos alunos que atrapalhavam o desempenho da turma e eram vistos como problema dentro do contexto escolar, sendo o orientador o corretor das atitudes e das ações desses alunos e na Lei Orgânica do ensino secundário se voltava para as questões de escolha profissional e de descoberta de habilidades para inserção no mercado de trabalho. O OE era a figura que cuidava do aconselhamento e atendia aos interesses populares estabelecidos de acordo com o contexto.

Nas demais leis orgânicas, a orientação aparece com um caráter de prevenção e ajustamento ao mercado de trabalho e suas exigências, bem como de orientação a essas escolhas, que eram restritas, não sendo a formação do orientador debatida em seus textos de forma exata e nem sua função estabelecida.

Segundo Grinspun (2011) a orientação educacional foi um instrumento necessário para ajustar os sonhos e as idealizações populares no que se esperava da escola para o mercado de trabalho, atendendo assim aos princípios exacerbados do capitalismo e da construção de mão de obra especializada que atendia as exigências dos postos de trabalho e do mercado industrial.

Atualmente, o papel da orientação não pode ser confundido com o papel de ajuste do aluno ao interesse comum, suas peculiaridades e sua singularidade devem ser objetos de trabalho do orientador.

A Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (LDB), estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, é um marco significativo no campo de políticas públicas educacionais, no campo da orientação educacional, o artigo 61 contempla como profissional da educação básica escolar:

“II – trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas; (BRASIL, 1996)

A figura do orientador é reconhecida como importante no meio escolar, sendo assim reconhecida como habilitação específica para formados em pedagogia e uma área específica que requer habilidade e formação continuada, que deve ter seu

espaço no contexto escolar, não explicitando suas funções específicas e nem a obrigatoriedade do profissional de orientação educacional nas escolas.

No artigo 64 é afirmado que profissionais formados em pedagogia poderão atuar no serviço de orientação educacional mediante pós-graduação, reconhecida pelas instituições de ensino que tem a função de ensinar aquilo que será contemplado em seu currículo, respeitando a base comum nacional:

“Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional.” (BRASIL, 1996)

Atualmente, a maioria das universidades só contemplam uma disciplina específica sobre orientação educacional, nela se vê o histórico, o alinhamento com a orientação profissional e o trajeto de resolução de problemas a qual era atribuída a orientação. A orientação educacional é vista de maneira rápida e muitos alunos acabam não tendo contato direto com o campo de trabalho e com a realidade, sendo os cursos de pós-graduação na área pouco frequentados pelos licenciados e graduados, que com a incerteza da obrigatoriedade nas escolas opta por outras complementações quando escolhem a pós-graduação.

Quando se trata das atribuições do orientador educacional e da regulamentação da profissão, o decreto de número 72.846, de 26 de setembro de 1973, é o único que contempla essa questão em âmbito nacional e é validado até os dias de hoje quando se trata da atuação desses profissionais:

Art. 1º Constitui o objeto da Orientação Educacional a assistência ao educando, individualmente ou em grupo, no âmbito do ensino de 1º e 2º graus, visando o desenvolvimento integral e harmonioso de sua personalidade, ordenando e integrando os elementos que exercem influência em sua formação e preparando-o para o exercício das opções básicas. (BRASIL, 1973)

Esse decreto considera o educando como o centro do processo do atuar do orientador, seu trabalho deve ser considerado a partir da totalidade do educando como sujeito participativo do contexto escolar e das exigências que o compõe, garantindo

assim a eficiência dos meios de desenvolvimento do educando, tanto afetivamente quanto na formação da personalidade tendo o orientador competências privativas que são suas, previstas nos artigos 8º e 9º:

Art. 8º São atribuições privativas do Orientador Educacional:

a) Planejar e coordenar a implantação e funcionamento do Serviço de Orientação Educacional em nível de:

1 - Escola;

2 - Comunidade.

b) Planejar e coordenar a implantação e funcionamento do Serviço de Orientação Educacional dos órgãos do Serviço Público Federal, Municipal e Autárquico; das Sociedades de Economia Mista Empresas Estatais, Paraestatais e Privadas.

c) Coordenar a orientação vocacional do educando, incorporando- o ao processo educativo global;

d) Coordenar o processo de sondagem de interesses, aptidões e habilidades do educando;

h) Coordenar o acompanhamento pós- escolar;

j) Supervisionar estágios na área da Orientação Educacional.

Art. 9º Compete, ainda, ao Orientador Educacional as seguintes atribuições:

a) Participar no processo de identificação das características básicas da comunidade;

b) Participar no processo de caracterização da clientela escolar;

c) Participar no processo de elaboração do currículo pleno da escola;

d) Participar na composição caracterização e acompanhamento de turmas e grupos;

e) Participar do processo de avaliação e recuperação dos alunos;

f) Participar do processo de encaminhamento dos alunos estagiários;

g) Participar no processo de integração escola-família-comunidade;

h) Realizar estudos e pesquisas na área da Orientação Educacional.
(BRASIL,1973)

Essas competências atribuídas ao orientador são de extrema importância para reafirmar o espaço desse profissional no contexto escolar e em seus desdobramentos, é um profissional que possui um papel central na tomada de decisões, que participa da estratégia de matrícula e conselhos de classe, promove análises de indicadores de aproveitamento escolar, acompanha a vida escolar anual dos alunos e participa de todas as áreas da escola, além de detectar problemas recorrentes que tem origem na baixa ou alta autoestima apresentada pelo aluno.

Nas reuniões com os pais consegue abrir espaço para o diálogo e aproveitar esses momentos para incentivar a participação e o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos, sendo capaz de mostrar como isso é importante para o desenvolvimento da criança e para estimular as possíveis capacidades que ela tenha, garantindo assim uma boa convivência familiar e comunitária no que tange à escola e um trabalho de valorização da identidade do aluno e de conhecimento constante da comunidade local e de suas realidades.

“Na certeza de que é impossível a construção de um mundo mais humano se escolhermos o isolamento social é que os profissionais da Orientação Educacional foram comprovando que a forma tradicional de se pensar o trabalho, seja ele educacional ou social – onde cada um ficava isolado no seu setor e/ou campo de ação, atuando como se fosse o único trabalho possível de se realizar - não produzia resultados que pudessem contribuir para uma vida em coletividade.”
(SANTIS,2006)

Atualmente vivemos em um enredo que exige a polivalência, ou seja, ser um profissional multitarefa, ter diversas habilidades e executar várias coisas ao mesmo tempo. O Orientador educacional é o profissional do qual tudo se espera: que ele seja resiliente, proativo, que tenha visão estratégica para o alcance dos objetivos da escola e que necessita de uma equipe especializada para conseguir lidar com as altas demandas que são solicitadas, o que não ocorre em muitas escolas já que as atividades da orientação são sempre sobrecarregadas ou inexistentes, sendo o orientador o profissional que deve entender de tudo um pouco para conseguir unir soluções que contribuam para o desenvolvimento escolar e garanta relações recíprocas entre escola e aluno.

3.1. ORIENTADOR E SUA ATUAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA

Quando se trata do papel do orientador na construção da personalidade e no desenvolvimento da autoestima, o orientador é o profissional mais preparado para lidar com essas questões no contexto escolar, é capaz de elaborar projetos interventivos e de mediação com os professores, alunos e pais, que evitam o agravamento de situações simples que podem se tornar complicadas a longo prazo, segundo Silva (2015):

“Quando o papel é bem definido, o orientador faz diferença na vida do educando, proporciona um ambiente escolar mais acessível, ao modo que ele se aproxima de seu aluno, compreende sua vida pessoal e tenta fazer um *link* com a vida escolar/profissional, facilitando o ensino aprendizagem e esclarecendo inquietações que vão surgindo no percurso escolar. Além dos projetos preventivos que realiza, que se bem feito, podem evitar que diversas situações negativas aconteçam na vida de seus educandos.” (SILVA, 2015, P.39)

Quando se trata de questões de autoestima que chegam aos orientadores, elas são primeiramente detectadas pelos professores, que acompanham as crianças no dia a dia da sala de aula, feito isso o orientador faz a lista de todas as turmas e alunos que apresentam esse problema. Quando um caso chega para o orientador, ele chama o educando para conversar, pode passar atividades ou pedir para que desenhe como se vê, seu primeiro atuar se dá pela atividade de analisar o contexto, o modo como a criança age e está agindo, em busca do autoconhecimento e da autoconfiança.

“Neste contexto, é importante mostrar e refletir sobre o papel do OE, pois este precisa ter compromisso em relação aos valores, atitudes, emoções e sentimentos, devendo ter claro que cada sujeito é um ser único e pela sua individualidade cada um é especial merecendo além de respeito, muitas vezes carinho e afeto. Esse fato merece atenção, pois grande parte dos aprendizados acontecem na decorrência de interação e relação com as pessoas que estão presentes no nosso dia a dia. (BUGONE; DALABETHA; BAGNARA, 2016)

O Orientador educacional deve ter cuidado e cautela quando lidar com situações de baixa e alta autoestima, porque cada educando tem uma colocação e uma concepção de si mesmo que é baseada nas construções do meio que se encontram e dos atores sociais que fazem parte de sua vida, tendo esse profissional a responsabilidade do entender e do escutar, partindo para o compreender e criar soluções criativas que contemplem e contribuam para o educando.

O objetivo do OE é tornar a escola um espaço de conhecimento de si mesmo e do mundo que estão inseridos, o simples ato de escutar quando questões assim são detectadas garante a abertura de possibilidades e estratégias para se trabalhar um caso, visto que mesmo que o OE opte por trabalhos com um aluno ou um grupo específico, ele tem que estar aberto a ir além do planejado, porque quando se aborda questões de autoestima, se considera a individualidade e a necessidade afetiva, que caminham conjuntamente com as visões internalizadas pelo educando em desenvolvimento, podendo ser identificadas questões externas do ambiente escolar.

Outro fator importante é o espaço do OE na escola, ou seja, ele deve ter um local específico para o atendimento, considerando que:

“Assim, reafirma-se, como princípio e proposta, que os orientadores podem ser encontrados nas salas de aula, nos corredores, nos pátios, enfim, em todos os lugares nos quais ele têm possibilidade de dialogar com os alunos, ou serem procurados por eles. É esse o sentido mais amplo dos espaços de orientação... espaços de acolhimento, encontro, inclusão.” (RANGEL, 2015, p. 110)

Qualquer lugar dentro da escola é um espaço do OE, que tem a missão de entender a realidade educacional a qual está inserida e ser capaz de identificar os gatilhos ambientais e emocionais que acompanham os alunos quando se trata da construção da autoestima. O diálogo, o conhecimento do educando em sua totalidade com seus anseios, frustrações e desejos permitem o encorajamento e o empoderamento dos trabalhos com autoestima.

Em seus trabalhos com autoestima o OE deve ter sempre em mente que o elogio é construtor de sensações, percepções e interesses, acompanha as palavras de estímulo e garante ações otimistas e positivas. Deve fazer parte da estratégia do OE, porque:

“ Os tipos de elogios mais poderosos são os pessoais, feitos em particular, quando o indivíduo menos espera, e em uma cerimônia especial de premiação que tenha sido antecipada por todos os envolvidos. ” (WAITLEY, p.58, 1995)

A partir do diálogo e da construção de confiança com o aluno, o OE podendo identificar situações de incapacidade, pode ser o motivador desse aluno, mostrando a ele o quanto seu esforço também é capaz de garantir eficiência, em problemas de aprendizagem isso funciona significativamente, pois auxiliando o aluno a criar a noção

de capacidade e o elogiando por seus acertos e tentativas, mostrando que cada erro é construtivo e que todos possuem um ritmo próprio, ele pode ser capaz de superar questões que estão presentes no cotidiano escolar.

Isso tudo faz parte da abordagem adotada pelo orientador para lidar com a situação, o OE deve ter em mente um projeto interventivo que considere o desenvolvimento de competências significativas, podendo ser aplicado o chamado projeto-ação, que se relaciona diretamente com o planejamento de questões que buscam resolver problemas recorrentes do contexto escolar e que são específicas, que é o caso da autoestima.

Segundo LUCK (2011) o enfoque da pesquisa-ação volta-se para a resolução de problemas e desafios que estejam associados ao desenvolvimento humano e que acabam por envolver questões afetivas, ligada a contextos sociais únicos e singulares. A identificação do problema se dá pelo levantamento de dados, observações no contexto escolar, análise de referencial teórico que auxilie no entendimento de comportamentos e atitudes, visto que no campo da autoestima não se tem muito enfoque, mas há a existência de referenciais que consideram o autoconhecimento, a autovalorização e o reconhecimento de capacidades, que são capazes de nortear o trabalho do orientador com esse tema.

O norte para o trabalho da autoestima pelo OE pode se iniciar a partir de perguntas ou afirmações, um exemplo pode ser: “como trabalhar a construção da autoestima com esse aluno/ grupos de alunos?”, feito isso o OE deve pensar em soluções e estratégias para adotar: temos o problema, mas não temos as características que acompanham esse problema, para detectar o OE pode ter conversas, observar brincadeiras e o dia a dia na sala de aula, o tratamento dos professores, bem como agendar visitas periódicas para esse aluno, caso seja grave seu problema, não venho aqui dizer um modo próprio ou uma receita, mas uma proposição do que se espera inicialmente.

Após a análise, variáveis podem ter sido criadas, ou seja, como situações podem estar relacionadas entre si e se complementarem podem aparecer, dando origem ao que chamamos de hipóteses. O OE deve ter em mente que seu esboço não é universal e nem imutável, ou seja, percepções criadas e hipóteses combinadas podem ser testadas e invalidadas, ou seja, devido aos constituintes da singularidade

dos indivíduos, tudo estará sujeito a mudanças, tendo o OE o preparo para a fuga de seu planejamento e de suas hipóteses e para a criação de novas estratégias que possam servir de parâmetro para a resolução do problema e para o estabelecimento dos objetivos de seu plano.

Os objetivos dizem respeito as questões recorrentes que devem ser superadas e trabalhadas pelo OE e parte da consideração da subjetividade do educando em sua totalidade e dos comportamentos e ações observados, como por exemplo:

Para alunos que apresentem baixa autoestima: ajudar no conhecimento das necessidades da realidade em que o aluno esteja inserido e analisar as propostas de mudança sugeridas pela criança, considerar questões que envolvem a liderança para o trabalho da capacidade, estimular o aluno a se olhar como parte importante de um grupo, fazer com que se sintam importantes e úteis para os contextos dos quais fazem parte (familiar, escolar, entre outros).

Para os alunos que apresentem elevada autoestima: trabalhar o conceito de alteridade, para que o educando reconheça o outro como diferente dele e com potencialidades que devem ser consideradas, construção de ideias e valorização de ideias que não são suas, trabalhar atividades que tenham como objetivo a aplicação do conceito de empatia.

Vários podem ser os objetivos estabelecidos pelo OE, que como dito anteriormente, podem estar sujeitos a alterações a qualquer momento. Depois de estabelecido os objetivos, se pensa nas estratégias e atividades, que segundo LUCK:

“ Dito de outra forma, a estratégia diz respeito ao como fazer, e atividade a o que fazer. ” (LUCK,2011, p.127)

As estratégias dizem o como proceder quando se pensa na atividade, por exemplo: deixar os alunos em roda, criar um desenho que represente o aluno, a divisão da sala, o processo em que se dará a estratégia é a atividade, ou seja, a descrição do que será feito, aquilo que foi planejado para se trabalhar, os momentos certos para se falar uma ou outra questão pertinente.

Alinhado a isso, temos a descrição dos materiais que serão utilizados, para que a escola se organize e forneça e o cronograma que permite que o OE se planeje e

realize suas atividades, seja com prévia autorização dos pais, direção ou professor, o cronograma serve como guia para a ação do OE e para sua organização.

A avaliação é feita durante todo o processo, faz parte do planejamento, ou seja, no acompanhamento de um aluno ou grupo de alunos a superação e a dificuldade de questões que tratam de autoestima pode ser facilmente ou dificilmente detectadas, podendo fugir do OE a atribuição de resolução do problema, exigindo assim um encaminhamento para um serviço psicológico e ajuda de outros serviços sociais, como o conselho tutelar ou outros.

CAPÍTULO 4- MANIFESTAÇÕES DE AUTOESTIMA NO AMBIENTE ESCOLAR E SUAS IMPLICAÇÕES

Um dos maiores indicadores de autoestima baixa ou elevada é no ambiente escolar como um todo, quando as relações são saudáveis no ambiente escolar elas podem estar relacionadas aos vínculos estabelecidos entre autoestima positiva associada a uma visão de si mesmo significativa e uma ação docente comprometida que evidencie e reforce construções positivas de um aluno em seu processo de ensino aprendizagem.

A escola é um espaço de construção de valores, atitudes, comportamentos e de reforço da socialização negativa ou positiva, ou seja, na escola podem surgir aspectos da vida social contributivos para uma imagem positiva ou negativa do aluno e determinantes para a criação de concepções e visões que criam fotografias dos indivíduos, que acabam sendo marcantes e se perpetuam em toda a vida escolar. As interações sociais podem ser determinantes para os diversos tipos de tratamento de um aluno e para sua própria percepção quando se trata de si mesmo.

Tratarei de três manifestações que nos permitem identificar questões que envolvam a autoestima como forte influência no trabalho da escola e de seus integrantes, por se tratar de um tema amplo e complexo, separei em três subtópicos: a) A relação entre o aluno e o professor no ambiente escolar, b) o envolvimento socioemocional e relações de necessidade afetiva que fazem parte das atitudes relacionadas à rejeição que acarretam em uma baixa autoestima e, por fim, c) as dificuldades de aprendizagem que reforçam comportamentos negativos que estão ligados à questões de baixa autoestima.

4.1. RELAÇÃO ENTRE ALUNO E PROFESSOR NO AMBIENTE ESCOLAR

O ponto de vista do professor, suas reações e a maneira que trata seu aluno é muito importante no processo de desenvolvimento pessoal e na construção da identidade de um estudante.

O que acontece atualmente nas escolas é a rotulação que é carregada pelas concepções de experiências de professores com uma turma, um grupo de alunos, ou um aluno específico, ocorrendo isso principalmente com alunos considerados problemáticos ou com alguma necessidade educacional especial, esses estudantes já são marcados como alunos-problema e a recomendação dos professores é sempre: “fuja, é problema”, “vamos passar esse problema para frente”, “ dá muito trabalho na sala de aula”, “ você é doido de colocar ele na minha turma”, várias falas como essas, estão presentes no dia a dia de uma escola e estão sempre marcadas por estigmas sociais .

“Neste sentido, o desenvolvimento de uma real e coerente autoimagem e autoestima é de fundamental importância para eu relacionar-me com os demais na sociedade. ” (MENDES et al., 2012, p.7)

Até que ocorra a desconstrução dessas visões, muitas vezes não se dá novas chances para esse aluno e nem se busca atender suas necessidades individuais e o conhecer como uma pessoa em desenvolvimento que anseia por atenção e que muitas vezes apresenta comportamentos que indicam sua autopercepção sobre o que falam sobre ele, a forma como ele se conhece e estabelece relações interpessoais está baseada na construção social feita pelos envolvidos socialmente em sua vida.

O que chamo de manifestação de autoestima nesse tópico é considerar o trabalho com a autoestima por meio do professor e entender qual a imagem que o professor passa para seu aluno, já que para que ele possa conhecer seu aluno e considerar suas peculiaridades, bem como analisar e propiciar os contextos positivos de aprendizagem ele precisa se autoconhecer, para que possa proporcionar um ambiente educativo satisfatório e uma qualidade de ensino significativa tanto para ele, quanto para seus alunos. Portanto:

“Em contrapartida, aquele educador que não confia muito em si, ou sente frustração, dificilmente poderá suscitar motivação, confiança ou otimismo nos seus alunos. ” (MENDES et al., 2012,p.8)

Cada docente tem uma intencionalidade pedagógica que é voltada à sua maneira de se fazer presente em um contexto de sala de aula, ou seja, cada ação docente pode ser carregada de expectativas, sentimentos, propostas inovadoras ou não, e os aspectos pessoais que se associam com esses aspectos podem ser determinantes para a propagação de situações onde diferenças são reforçadas e situações constrangedoras são frequentes.

Um docente que não se vê como parte do processo educativo e como parte importante do processo de ensino aprendizagem pode ser visto como um indivíduo que apresenta perspectivas negativas sobre si mesmo e possui dificuldades em reconhecer o seu trabalho como significativo. Sua satisfação pessoal e profissional pode ser inexistente e isso pode ser passado aos alunos de maneira clara, como em diversas situações do dia a dia a qual nos deparamos: são professores insatisfeitos, com baixa remuneração, frustrados e que acabam não obtendo sucesso no enfrentamento dos desafios e que acabam refletindo as suas frustrações em sua didática.

Freire (2002) defende que o autoconhecimento parte do reconhecimento da prática adotada e da maneira em como o professor se reconhece em seu próprio contexto, e de como ele interage quando se trata de enfrentamento de situações que o instiga e o leva às mudanças significativas:

“Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar. Para mudar e de cujo processo se faz necessariamente sujeito também. ” (FREIRE, 2002, p.18).

O que reflete a necessidade do professor ser co-participante da construção da autoestima do estudante, quando ele se conhece e possui visões positivas sobre si mesmo e sua função pedagógica, ele concretiza suas ações em busca de aceitações

e construções positivas para que consiga transmitir aos seus alunos aspectos que auxiliam diretamente na construção da personalidade que estejam envoltos de motivação, os tipos de relações estabelecidos em uma sala de aula são impactantes tanto na vida do professor quanto do aluno, que tem o professor como participante de sua vida diariamente e participante de seu próprio contexto.

Tratar a autoestima em um contexto educacional é buscar entender que tanto o professor quanto o aluno necessitam ser olhados como um todo, pessoas em situações de desenvolvimento que se constroem e reconstroem a todo instante. Visões positivas de si e uma auto percepção baseada nas construções feitas no contexto servem para auxiliar no entendimento da autoestima, para que o professor consiga alcançar e motivar seus alunos ele também deve ser objeto de estudo contínuo e se sentir motivado em seu local de trabalho, com suas relações interpessoais e profissionais, para que ao buscar sucesso pessoal e novas criações de percepções acerca de si mesmo, ele crie novas maneiras e alternativas de identificar em seus alunos situações de autoestima baixa ou altas e ter um melhor reconhecimento de seu próprio trabalho.

Quando o professor se conhece e se reconhece como parte do processo educativo ele conseguirá trabalhar aspectos que contemplem o autoconhecimento dos alunos e situará a criança em um contexto de valorização, ou seja, ele conseguirá inserir o aluno em uma construção de sua personalidade e identidade baseado em aspectos positivos e de reforço de atitudes que contribuem para a formação de percepções acerca da aceitação social e pessoal, ele é capaz com suas ações de incluir ou excluir, tornando a escola um campo vulnerável e fator determinante de estímulo para os alunos quando se trata de questões de autoestima.

4.2.ENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL E RELAÇÕES DE NECESSIDADE AFETIVA

Um contexto escolar é muito além da sala de aula, aqui se considera vários aspectos e questões pertinentes que englobam a escola: maior dependência dos pais, dificuldade em aceitar outras opiniões, relação do aluno com a escola, atitudes do aluno quanto a si mesmo, relação com os problemas de aprendizagem, entre vários outros aspectos. Mas você deve estar se perguntando, aonde a autoestima entra em

tudo isso, e te digo ela está intimamente ligada a todos esses aspectos, que acabam sendo determinantes e devem ser olhados com cuidado.

“ Quando o aluno se sente ou se percebe rejeitado ou diminuído, em suas capacidades e qualidades por seu professor ele acaba por desenvolver um sentimento de inferioridade que pode comprometer também a interação com seus colegas”. (PINTO, 2014, p.22)

Muitos docentes pensam que os alunos não vão se lembrar de suas atitudes em sala de aula por serem apenas crianças, a percepção dos adultos é achar que as crianças crescem e se esquecem de tudo, é comprovado de fato que algumas coisas são esquecidas, mas que outras são marcantes e caminham junto com o desenvolvimento da criança, podem se tornar feridas e pedaços quebrados que muitas vezes não são desconstruídos pelo tempo, mas sim reforçados à medida que novas relações são estabelecidas e novas situações são cobradas.

Um sentimento de inferioridade pode ser percebido quando existem questões que envolvem a afetividade e suas implicações que está ligado ao reconhecimento pleno de situações de baixa autoestima. Na sala de aula pode ser visto em situações de: apego do professor com um aluno específico, ou grupo de alunos preferidos, deixando os outros fora do ciclo, situações de comparações negativas, busca excessiva por aceitação na sala de aula, as vezes o aluno tem comportamentos inadequados para se afirmar em seu contexto e ser conhecido por todos e pode ter tendências ao isolamento. São comportamentos assim que são observados e terminam sendo reflexos das construções internalizadas pelo aluno.

No que se trata da família, ela é a principal causadora de problemas de autoestima que se refletem na escola, me refiro a casos de alta e baixa autoestima: os pais, ou familiares os quais as crianças têm contato são o primeiro contato com o mundo pelo qual as crianças se relacionam, eles são influenciadores nos valores e construções do indivíduo, que no meio social estabelece relações de dependência e sobrevivência com seu ciclo familiar para que se entenda como participante de uma sociedade.

A família é o principal propagador de reações e pontos de vista sobre o aluno, ela guia suas atitudes para a boa convivência na sociedade e influencia comportamentos, várias são as maneiras de educar vistas hoje em dia e vários são

os modelos de família atualmente, que acabam sendo interferidos pelo contexto tecnológico e aspectos acabam passando despercebidos quando se trata da individualidade das crianças. Borges e Magalhães (2009) abordam as mudanças percebidas nas famílias no atual contexto, que acabam transferindo parte de sua função social quando se trata de afetividade e identidade de seus membros para outras instituições:

“Essa é uma mudança bastante significativa para a vida familiar, uma vez que a família, historicamente, esteve incumbida da tarefa de prover seus membros e assegurar-lhes os elementos materiais e simbólicos necessários para sua existência. Na medida em que ela se restringe a necessidades afetivas dos indivíduos, outras instituições entram em cena. (BORGES; MAGALHÃES, 2009, p.47)

A família tem papel socioconstrutor na construção da autoestima e nas visões que o aluno leva para a realidade escolar. Em contextos antigos, as famílias tinham filhos com a função de ajudar em serviços manuais e na agricultura, quanto mais filhos, mais mão de obra para prover o sustento e pouco se sabia sobre o filho. Atualmente, esses modelos vieram mudando principalmente pelos avanços e conquistas dos direitos humanos e dos novos formatos de família, que vieram ganhando mais espaço em nossa sociedade, o que ainda reforça a mesma necessidade afetiva que podíamos encontrar naquele contexto, ou seja, os tempos mudaram, mais as necessidades afetivas dos indivíduos ainda são supridas por outros setores da sociedade e pouco se fala e sabe sobre eles.

Branden(1995) quando fala que o ambiente familiar pode ter um impacto profundo na construção da autoestima deixa claro que os pais:

“Podem colaborar no surgimento de uma autoestima saudável ou fazer tudo que se possa imaginar para sabotar esse crescimento. (BRANDEN,1995, p.11)

São atitudes que podem ser observadas quando tratam a criança como um ser que não é capaz sozinho, ou seja, limitam a criança o tempo inteiro, a ridicularizam e a humilham quando ela faz algo próprio ou quando demonstra opiniões e interesses, a protegem o tempo inteiro de fazer as coisas, tornando essas crianças cada vez mais dependentes e posteriormente adultas incapazes de realizarem tarefas básicas

sozinhas, fantasiam tudo que está em torno da criança atribuindo noções mágicas e conotativas, bem como não estabelecem relações de confiança, fazendo com que a criança cresça se sentindo insuficiente para tudo e paralisada pelo medo.

Hoje as famílias tradicionais contam com um a dois filhos em média, que acabam passando o dia na escola, com cuidadores ou em creches e pouco tempo com os pais, o que acaba tornando os vínculos familiares cada vez mais fragilizados e questões recorrentes das crianças observadas e tratadas na escola. Vários são os casos: uma maior dependência quando se trata de fazer as coisas sozinho, dificuldades em escutar um não, fuga das situações por medo de tentar, vitimismo, a criação de situações que reforçam necessidades afetivas e que se confrontadas geram irritabilidade ou isolamento, sendo o professor primeiramente o principal identificador destas questões.

Essas questões podem vir a ser recorrentes e devem ser analisadas com cuidado e cautela pela escola, que acaba tendo a função de “tapa-buraco” sentimental e tem uma responsabilidade afetiva evidente, ou seja são alunos cujo perfil é marcado pela falta de tempo dos pais, que vivem em um contexto tecnológico que tende a individualidade e que apresentam comportamentos pessimistas e desencadeadores de reações negativas, e que projetam na escola a função de suprir suas necessidades afetivas e emocionais.

4.3. PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM E AUTOESTIMA

A escola é o local onde as dificuldades de aprendizagem são observadas pela primeira vez, já que os pais não possuem noção e nem habilitações que investiguem essas dificuldades, alguns até chegam a perceber, mas não levam a sério, porque acham que faz parte do desenvolvimento saudável da criança, tendo a escola um papel fundamental na descoberta de transtornos e dificuldades, o professor deve ser o primeiro a observar essas questões, que por seguinte comunica aos pais e a equipe de orientação educacional, quando existente.

Alguns alunos podem apresentar necessidades educacionais especiais que levam ao sucesso ou fracasso escolar, o que depende muito da maneira em como sentem e lidam com as situações do dia a dia em sala de aula, da maneira em que os

conteúdos são trabalhados e a qualidade das relações estabelecidas no ambiente escolar.

As crianças com dificuldades de aprendizagem são o tempo todo bombardeadas por fatores que acabam contribuindo para sua baixa autoestima: seus professores não conseguem ver nelas a capacidade de realizar atividades sozinhas, seus colegas não dão espaços de interação e acabam excluindo nas brincadeiras e interações do dia a dia, e os pais acabam indo à escola com frequência, por conta das reclamações constantes e acabam desconhecendo sobre as dificuldades de seus filhos e com pouca disponibilidade para levar ao acompanhamento necessário.

Alunos com necessidades educacionais específicas e com dificuldades de aprendizagem são os alunos que mais apresentam casos recorrentes de baixa autoestima: são inseguros, não se permitem tentar, novos conteúdos escolares são vistos como aterrorizantes, ir para escola sempre acaba sendo algo negativo, já que os colegas e até mesmo os professores o deixam em situação de vulnerabilidade, os pais muitas vezes por não ter conhecimento, acabam achando que é frescura e descontam com castigos físicos nessa criança.

“Na apropriação de pensamentos e de práticas sociais, as vozes dos outros passam a povoar a atividade mental individual. Nos discursos, os sentidos se encontram, são retomados, reiterados, negados, numa relação polissêmica.” (KASSAR,2006, p.64)

O problema de aprendizagem ou o transtorno acabam sendo quem a criança é, ou seja, a criança se relaciona com seu problema como uma parte dela que nunca estará pronta para mudar, seus sentimentos em relação a si mesma são marcados pelas exigências do transtorno e da forma como ele faz parte da sua vida social, ela acaba sendo conhecida apenas como o “aluno laudado” ou o “aluno especial” ou o “aluno que não estuda e não deixa os outros estudar”, criando uma sensação de pertencimento à dificuldade e de impossibilidade de capacidade de se superar.

Pinto (2014) aborda a importância da escola em ajudar a criança a se autoconhecer, porque assim ela poderá se sentir apoiada para superar suas condições e permanecer motivada em busca de sua realização e desenvolvimento pessoal, já que toda criança busca insaciavelmente a aceitação por parte daqueles

que estabelece relações diariamente, principalmente as crianças com dificuldades de aprendizagem, que já são rotuladas devido as suas próprias necessidades especiais.

O ato de deixar os julgamentos e as pré- construções trazidas pelas dificuldades é algo extremamente necessário tanto pelo corpo docente, quanto pelos pais e sociedade em geral, já que vivemos em um mundo extremamente cheio de rótulos e cabe a nós não propagarmos mais esses pré-julgamentos já existentes e definirmos a melhor maneira de fazer com que essas crianças sejam ativas em sua própria construção de sua personalidade, resultando assim em uma autoestima positiva.

“Portanto, a autoestima positiva é uma das consequências da aprendizagem pois a valorização de si mesmo não é construída com motivações externas, mas com as motivações internas. Assim, os avanços conquistados pelo educando podem ser elogiados e devem servir como estímulo para alcançar outros progressos e vencer dificuldades.” (ANDRADE,2017, p.5516)

O aluno que tenha dificuldades de aprendizagem por ser o aluno que mais apresenta comportamentos que reforçam uma baixa autoestima, deve ser incentivado a se sentir seguro, para que veja capacidade em si e que apesar de sua dificuldade se sinta determinado para aprender e construir sua própria trajetória de conhecimento, ele não conseguirá lidar com essas questões sozinho sem a ajuda de todos os envolvidos no contexto, mas é obrigação da escola considerar aspectos socioemocionais vinculados a noção de mundo e realidade.

5. METODOLOGIA

A metodologia utilizada será qualitativa-quantitativa, a qual chamamos de método misto, que segundo Creswell (2007) usa-se a teoria tanto dedutiva(pesquisa quantitativa), quanto a indutiva (pesquisa qualitativa), considerando que ambas se convergem e tendem a captar dados concisos que consigam atender as hipóteses levantadas em seu contato com a realidade e em sua interação com o objeto de estudo, fornecendo assim um panorama que contemple a autoestima e seus aspectos gerais, bem como as perspectivas presentes no contexto escolar.

Bogdan e Biklen (1994) consideram que a pesquisa qualitativa pode ser considerada descritiva, no sentido de que ao se analisarem os dados, deve-se analisá-los em toda sua amplitude, considerando tudo aquilo que está escrito como forma de captar a mensagem que a pessoa contribuiu e a sua relação com o devido tema, bem como a visão de mundo pela qual ela pode se guiar, de acordo com as indagações que foram feitas no decorrer da pesquisa. Reações, ações e as significações próprias devem ser consideradas como objeto de análise criteriosamente importante que faz parte do processo de investigação qualitativo, já que a autoestima por ser polissêmica pode vir a se apresentar de diferentes formas e percepções, partindo de construções que acabam sendo internalizadas e influenciam o significado pretendido.

Quanto ao aspecto quantitativo da pesquisa, no que se trata da objetividade e para não fugir do tema central, foram feitos questionários (podem ser encontrados nos apêndices A e B), que guiam em busca da identificação de aspectos que podem ser provados no que se trata da autoestima, já que segundo Gerhardt e Silveira (2009), os dois tipos de pesquisa se complementam em seus pontos fortes e fracos e são fundamentais para uma boa pesquisa e para os cumprimentos dos objetivos propostos inicialmente.

Foram aplicados questionários estruturados para um grupo que conta com dois professores de segmentos diferentes, um que atua na Educação Infantil e outro no Ensino Fundamental anos iniciais, sendo figuras extremamente importantes de percepção das relações escolares e para o OE da escola, um questionário que conta com perguntas que descrevem a forma que o conceito de autoestima está incluso em seus cotidianos e as implicações que podem vir a surgir. Com os alunos o método escolhido foi a coleta de dados não estruturada, do tipo Entrevista (pode ser

encontrada no Apêndice C), já que novas questões vieram a surgir estando aberto a outras possibilidades e motivações que contemplem objetos de estudo posteriores.

6. ANÁLISE DE DADOS

A influência dos fatores externos desperta gatilhos emocionais capazes de guiar os comportamentos das crianças, na análise feita foram percebidos que os indicadores de autoestima citados anteriormente se concretizam na prática educativa e estão mais presentes na realidade escolar do que podemos imaginar.

- Quanto a relação professor e aluno:

Gráfico 1 – Professor 1: Abordagem da autoestima na Educação Infantil

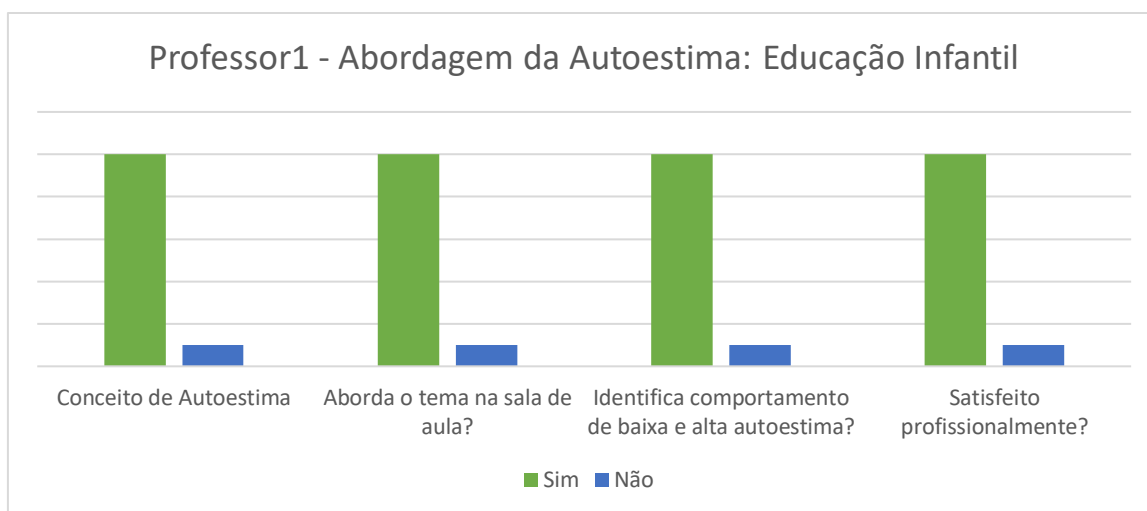
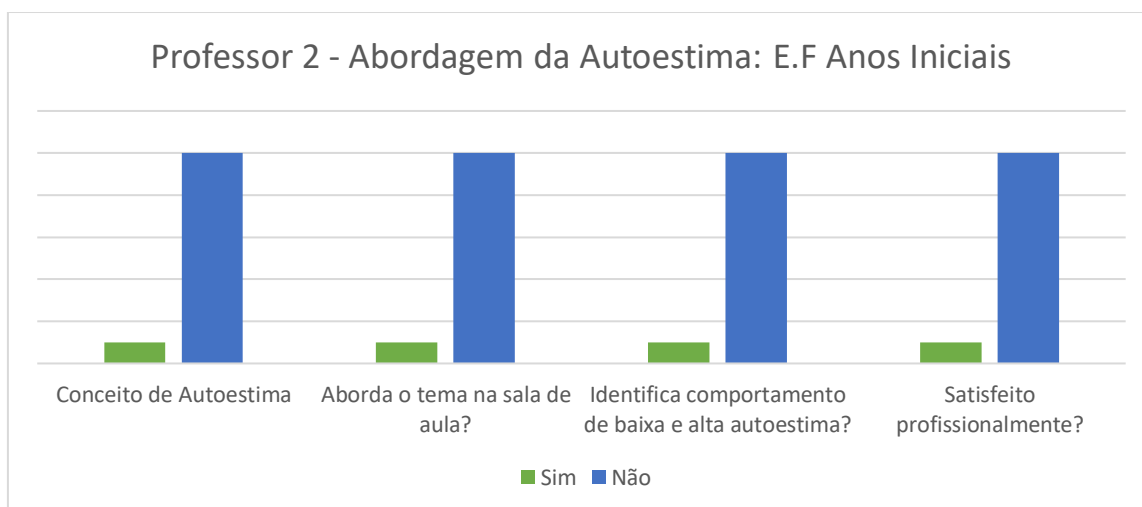


Gráfico 2 – Professor 2: Abordagem da autoestima no Ensino fundamental anos iniciais.



No que se trata da relação professor e aluno no ambiente escolar, a primeira indagação feita aos professores foi a conceituação de autoestima, onde foi possível deduzir dois perfis de professores: um que tem uma percepção do que seja e outro que não, o que diz sobre como a prática no que se trata de questões acerca da autoestima pode ou não aparecer.

Segundo Branden (1995) conceituar a autoestima está sujeito a diferentes interpretações estando ligada a noção do próprio valor, do próprio merecimento e da capacidade de se sentir suficiente, partindo do autoconhecimento e do auto reconhecimento, sem deixar com que fatores negativos tenham mais poder do que fatores positivos, sendo assim, a autoestima um fator contribuinte para o desenvolvimento da vida, com valor de sobrevivência e adaptação das diferentes realidades que a vida pode apresentar.

É certo que ao definir o conceito, o professor também esteja fortemente conectado por motivações e fatores externos, o professor que melhor define o conceito, é o professor da educação infantil, consegue abordar o tema de forma mais ampliada, seja por meio de histórias, músicas que trabalham a reflexão sobre a autoimagem e a forma de olhar o outro, com o trabalho da empatia e dos valores e sentimentos, já que é o primeiro contato das crianças com a escola, onde as primeiras construções sobre si vão se desenvolvendo, o que facilita também na identificação de comportamentos quando se trata de baixa e alta autoestima por meio do professor, o que colabora nas percepções quanto ao olhar sobre a turma e a maneira em como as relações vão sendo construídas, o que reflete também na satisfação profissional que é vista como positiva.

Mendes (2012) reafirma a importância de a prática do professor considerar as necessidades individuais, já que dependendo de como o professor se vê em meio ao contexto que participa pode apresentar perspectivas positivas e negativas de si mesmo, o que reflete em sua relação com seu próprio trabalho, sendo seu próprio reconhecimento peça fundamental, já que um realista autoconceito é influente no desenvolvimento do trabalho docente e na satisfação pessoal e profissional.

Ou seja, em um contexto de sala de aula, a forma como o professor se vê, se valora e se reconhece pode influenciar em sua prática, o que acontece com o professor do Ensino fundamental, que não se sente satisfeito profissionalmente, logo

a abordagem do tema se dá em momentos oportunos, somente quando forem recorrentes ou afetarem o andamento das atividades e não se atenta a comportamentos de alta e baixa autoestima, o que indica que a medida que a criança se insere em outro ciclo de aprendizagem, essas questões já não são mais vistas e percebidas como na educação infantil, vários podem ser os fatores : conteúdos, currículos que devem ser seguidos à risca, participação em projetos de temas diversos na escola, competitividade com outras turmas ou professores, o que acarreta em otimização de tempo e desconsideração de aspectos que abordem o tema de forma ampla.

Freire (2002) nos deixa isso claro quando considera que ensinar exige querer bem aos alunos e a si como parte importante de um contexto escolar, já que o saber pedagógico nada mais é do que um saber que pode ser agregado, ou seja querer bem é querer bem a si mesmo e a seus alunos, já que como educador posso ter responsabilidade emocional sobre aqueles educandos e a forma como participo pode ser determinante em suas próprias percepções.

Envolver a afetividade e o trabalho com a autoestima não deve ser um trabalho para segundo plano, mas deve fazer parte de todo o caminho pedagógico construído por professores e alunos, nenhum aluno é apenas programado para aprender e nenhum professor é apenas programado para ensinar, questões que envolvam o trabalho com autoestima são interdisciplinares e se concretizam em diferentes formas, diferentes momentos e diferentes temas, é um tema transversal.

- Quanto as questões que envolvem a autoestima presentes no contexto escolar e os principais comportamentos que os alunos apresentam:

Na entrevista feita com os alunos, foram identificadas questões que reforçavam os comportamentos de baixa e elevada autoestima e como o objeto de estudo aparece nas ações escolares e familiares dos entrevistados.

Tabela 1 – Principais comportamentos que influenciam na construção da Autoestima.

Aluno 1- Educação infantil- Baixa Autoestima	Aluno 2- Ensino fundamental- Elevada autoestima
Muito Quietos	Convencimento e liderança
Relação com os colegas de sala comprometida	Facilidade em fazer amigos
Não convive com crianças fora da escola	Tem muitos amigos na escola e fora da escola
Não participa das atividades de casa	Participa das atividades de casa
Muito curioso	Gosta de atenção e é muito conectado
Passa muito tempo sozinho	Passa muito tempo com a família

Fonte: Própria pesquisa, junho, 2019.

Quando se trata de um perfil de baixa autoestima, foi detectado no aluno da educação infantil, o que de acordo com Anthony (1980) são causas que acarretam a construção da baixa autoestima, foi verificado que sua relação com os pais e colegas é muito limitada, é um aluno muito quieto, que não possui voz ativa em sua casa e convive com adultos próximos, passa muito tempo sozinho, é muito curioso, o que reforça que as características emocionais, como a timidez em excesso, a intolerância aos erros, além das características físicas como a voz frágil, a cabeça baixa o tempo todo, bem como as características psicológicas (como a rejeição a si mesmo, busca por aceitação excessiva, insegurança, necessidade de aprovação e ser correto o tempo todo) reforçam comportamentos de baixa autoestima, que são fortemente influenciados em sua postura como aluno no ambiente escolar.

Pesquisadora: *Como é sua relação com os coleguinhas? E na sala de aula como você se comporta?*

Aluno: *Eu sou muito quieto, os coleguinhas são legais, eu tenho um amigo que fica me xingando e me batendo, eu estava de olho em quem ia bagunçar para a professora.*

Pesquisadora: *Mas ela pediu para você olhar a turma?*

Aluno: *Não, mas eu sempre olho para contar para ela.*

Pesquisadora: *Como você se vê? Como os outros dizem que você é? Você concorda?*

Aluno: *Ah eu me vejo lindo e inteligente, meu pai gosta de dizer que não sei das coisas, as pessoas me chamam de feio quando faço coisa errada, aí eu fico bravo e quietinho. Eu não posso falar nada tia, sou criança.*

(Trecho da entrevista com o aluno da Educação Infantil, 23/05/2019)

Pinto (2014) quando afirma que o sentimento de inferioridade internalizado pela criança influencia diretamente na valoração pessoal da criança, nos deixa claro que os traços de personalidade do educando são construídos de acordo com as construções feitas pelas relações existentes, esse aluno possui uma relação com os colegas muito comprometida, porque a professora já o deixou como responsável por olhar a turma em sua ausência, o que aconteceu é que a professora o fez se sentir tão importante que até mesmo quando ela não pedia, ele olhava a turma, o que aconteceu neste dia que o entrevistei, o que acarretava em seus colegas um sentimento de exclusão quanto a ele, ele é xingado e tratado mal por todos, porque ele contava e falava de todos para a professora, que sempre brigava com eles.

Essa situação reforça a busca excessiva por aceitação que esse aluno se encontra, com tendência ao isolamento e a relações familiares e interpessoais comprometidas, sendo uma criança totalmente dependente, que não possui voz ativa e nem se sente capaz para realizar atividades de casa e expressar aquilo que sente, segundo Borges e Magalhães (2009) a família hoje atribui a responsabilidade emocional a outros setores da sociedade, o que de fato, podemos perceber quando analisamos o perfil desse aluno, não convive com crianças próximas, é muito sozinho e muito conectado, sem muitos amigos, o que pode torná-lo mais tarde um adulto com tendências complexas ao isolamento e com dificuldades de expressão, tendo o individualismo como grande fator em sua vida, prejudicando assim construções sociais futuras e mudanças reais quanto a sua visão comprometidas. O que confirma Branden (1995) ao afirmar que as famílias podem ser sabotadoras do desenvolvimento de uma autoestima saudável, o que faz com que esse aluno deposite na escola as suas expectativas, vendo a missão de não decepcionar a professora algo que o motiva, mesmo que para isso custe a amizade e respeito dos colegas.

A forma como ele se vê primeiramente é contraditória em sua própria fala, ele se vê inteligente e lindo, mas não fala com convicção porque logo após ele reafirma que as pessoas o chamam de feio, e vemos o quanto as palavras são capazes de influenciar nas visões internalizadas, quando ele diz que não pode falar nada porque é criança. Branden (1995) nos deixa claro que fatores negativos são capazes de criar mais poder quanto a autoestima, do que fatores considerados positivos, ou seja, o aluno quer se expressar e não se sente bem com aquilo que passa, mas por ser criança, seus sentimentos e desejos acabam sendo desconsiderados, a baixa

autoestima começa assim a ser precursora de comodismos e aceitação, não se tem desejo de mudança, apenas conformismo exacerbado, o que reforça a aceitação da exclusão também por meio dos colegas, sendo um aluno totalmente isolado dos demais e guiado por construções negativas que são internalizadas.

Quando entrevistado outras questões vieram a surgir, como:

Pesquisadora: Como você brinca? Você tem muitos amigos? Qual sua brincadeira Favorita?

Aluno: Ah eu gosto de brincar de correr, de fazer salto mortal, de onça. Tia sabe como brinca de onça?

Pesquisadora: Não, como é, me ensina?

A gente coloca a mão no chão e no pé e faz o barulho da onça.

Pesquisadora: você se sente como quando brinca de onça?

Aluno: Me sinto mais forte.

(Trecho da entrevista com o aluno da Educação Infantil, 23/05/2019)

Nesse trecho, podemos identificar questões que reforçam tendências de baixa autoestima, como a fuga de seus medos e o apoio em algo que o ensine a ser forte, a figura da onça é vista como um animal feroz, o qual todos os outros animais fogem e tem medo, esse aluno ao se identificar com a onça encontra a força necessária em si para lidar com sua atual realidade, o que reforça o quanto as brincadeiras das crianças traduzem suas realidades concretas e são marcadas por grandes significações pessoais, nota-se também que ele não menciona nenhuma amizade.

Segundo Waitley(1995) o medo guia ações e podemos determinar as origens do medo da rejeição nas primeiras críticas que são feitas pelos familiares e pessoas de convivência próxima, como professores e colegas, quando a criança cresce em um ambiente onde não possui voz, todas suas ações são vistas como erradas, não consegue se sentir suficiente e cresce com sua autoestima vulnerável, criando mecanismos de fugas ao problema e de si mesmo, tornando esse medo inexistente de mudança e acompanhante para sua vida, o que acarreta em medo do sucesso e à sustentação de uma autoestima negativa pelo decorrer de sua vida.

- Quanto ao aluno do Ensino Fundamental que atendeu aos critérios de elevada autoestima:

De acordo com Branden(1995) quanto maior a nossa autoestima, mais ambiciosos passamos a ser no sentido de que, exigimos de si mesmo que tudo esteja dentro daquilo que esperamos e idealizamos e que todos sempre estejam atentos a isso, quanto maior a autoestima, mais propensos a ter relações recíprocas e a tratar bem as pessoas conseguimos, já que outras pessoas não são vistas como ameaças. É o que acontece com esse aluno, cujo perfil apresenta a facilidade em fazer amigos e querer o bem de todos, em um trecho da entrevista conseguimos melhor visualizar esse aspecto:

Pesquisadora: Como você se vê em relação aos outros colegas? O que você sempre espera deles?

Aluno: Minha maior qualidade é me sair bem nas provas e ser educado, quando alguém briga comigo eu fico mais irritado e nervoso e perco a cabeça. Ah eu sempre espero o bem dos colegas, espero que sempre brinquem comigo, me acho inteligente “até”, mas só porque dizem que eu sou, eu não me acho tanto inteligente, mas meus pais me acham, em matemática acertei 22 questões de 26.

(Trecho da entrevista com o aluno Do Ensino Fundamental anos iniciais, 23/05/2019)

Esse aluno apresenta aspectos de liderança em seu meio social, Pinto (2014) reforça esse aspecto no sentido de que um sentimento de inferioridade pode surgir quando se trata de casos de autoestima na sala de aula, até mesmo em casos de elevada autoestima um sentimento de incapacidade e de busca por aceitação pode surgir, esse aluno gosta de atenção de tudo e de todos, participa das atividades de casa, passa muito tempo com a família, tendo a família papel construtor nas percepções internalizadas por ele e caráter motivador quanto as relações vividas por ele.

Borges e Magalhães (2009) nos deixam claro o quanto as dinâmicas das famílias podem ser influentes na vida dos filhos. É certo que hoje existe mais diálogo e mais liberdade entre pais e filhos e as relações são muitas vezes vulneráveis, mas um ambiente familiar construtor e motivador é capaz de manter uma autoestima positiva não só para um de seus membros, mas para todos sem distinção, já que a dinâmica familiar pode ser impactante na construção da autoestima, esse aluno por

mais que ele não se ache inteligente, ele reafirma que é inteligente e menciona até os acertos que conseguiu, porque sabe que seus pais o acham inteligente e ninguém vai tirar isso dele, mesmo que em momentos distintos ele não se sinta autoconfiante, a família busca por si reforços positivos que o auxiliam no processo de construção de sua personalidade, sendo esse aluno em um contexto de sala de aula possível referência para os outros, ou possível ameaça para aqueles que possuem baixa autoestima.

Branden (1995) reforça que não é como nossos pais nos tratam que determina o nível de autoestima, mas sim aquilo que fazemos com o tratamento e com o ambiente que nos permeia, um aluno com uma dinâmica familiar positiva, onde possui voz ativa, participa das atividades de forma efetiva sem repressões, que passa muito tempo com a família, apresenta facilidade em fazer amigos e por muitas vezes é visto como convencido e por gostar muito de atenção, se encaixa no perfil de alta autoestima, mas por muitas vezes esse perfil pode ser negativo: mania de rebaixar os outros com o que sabe, arrogância, entre vários outros comportamentos que podem ser verificados pelo professor e orientador que podem prejudicar as relações escolares, cada criança possui uma dinâmica familiar distinta e apresenta comportamentos diferenciados que tanto podem ser influenciados por suas famílias, como podem ser criados pela própria criança, independentemente dos reforços que são estabelecidos em sua casa.

Quando se trata dos dois alunos, foi verificado que ambos apresentam tendências a estarem muito conectados e sentem necessidade de atenção quando seus pais estão conectados:

Pesquisadora: Como a sua família é quando se trata de uso de celular, videogame? Todos ficam muito tempo no celular?

Aluno Ensino fundamental: “Minha mãe fica, não gosto porque quando fala algo importante ela não presta atenção, eu também fico muito tempo no celular, mas quando mamãe fala comigo e eu não presto atenção ela briga. Uso o celular quando termino de brincar com meus amigos do apartamento, fico umas 7 horas jogando sem parar, gosto de Free Fire, meu videogame só jogo fim de semana.”

Aluno Educação infantil: “Meu pai fica muito no celular, toda vez que quero brincar com ele, ele tá no celular, fico triste e aí meu pai me

chama pra gente dormir, ele sempre tá cansado, quando ele sai do celular ele vai dormir, gosto muito quando ele brinca comigo. ”

(Trechos da entrevista com o aluno da Educação Infantil e com o aluno do Ensino Fundamental anos iniciais, 23/05/2019)

Em ambas as falas vemos o quanto a tecnologia é altamente influente nas relações existentes no âmbito familiar, quando o aluno do Ensino Fundamental menciona que quando fala algo importante a mãe não presta atenção, essa fala tem um peso muito grande, porque as crianças são guiadas por exemplos e refletem aquilo que vivem em suas ações, quando se trata dele no celular e ela fala, ele deve parar tudo para prestar atenção. Barros (2013) defende que os pais devem tomar cuidado na hora de cobrar algo do filho, porque podem acabar confundindo a criança e atrapalhando em sua educação, já que cada filho cria uma visão de seus pais, segundo seus próprios atos para com ele e com os outros.

Em ambos também podemos identificar a falta de tempo dos pais para os filhos, em um contexto percebe-se o uso excessivo por horas do celular pela criança e em outro a carga de cansaço do pai, que trabalha tanto que o tempo que tem para o filho apenas descansa, segundo Teixeira, Froes e Zago (2006), um dos grandes problemas dos dias de hoje se dá pela falta de comunicação e interesse dos pais quanto ao mundo dos filhos, além de toda a tecnologia existente há famílias que apresentam deficiência de sentimentos de afeto, carinho e preocupação, bem como diálogos, já que os filhos precisam agora dos pais mais que nunca, porque o mundo vem se complicando e vários problemas vem acompanhando as vidas dos jovens, o que impacta negativamente na formação da personalidade, tornando adultos com dificuldade de se expressar e intolerante às frustrações e opiniões diferentes, reforçando assim tendências a baixa autoestima.

Quanto ao uso da tecnologia pelos dois alunos, é visto que são usuários extremamente ativos, ficam muitas horas por dia no celular e pelo perfil dos pais, conseguimos ver o depósito na escola quanto a educação de seus filhos, característica cada vez mais comum nos dias de hoje. Segundo Barros (2013) família e escola devem sempre andar juntas quando se trata da aprendizagem de seus filhos, o que não está ocorrendo atualmente, muitos pais querem tanto que seus filhos alcancem a felicidade que privam seus filhos de passar por experiências negativas,

como a dor e a frustração e o desapontamento, tornando-se ativos no contexto escolar apenas quando problemas como esses aparecem.

- Quanto aos problemas de aprendizagem e a autoestima:

Tabela 2 – Detecção dos problemas de aprendizagem e ação em frente às questões que envolvem a autoestima dos educandos pelos docentes e o orientador.

	Professor 1-Educação Infantil	Professor 2- Ensino Fundamental Anos Iniciais	Orientador Educacional
Identifica com facilidade problemas de aprendizagem?	SIM	SIM	SIM
Observação dos comportamentos da criança?	SIM	SIM	SIM
Ação quanto a problemas recorrentes de autoestima?	Tenta compreender o erro do aluno, conversa com o estudante para entender o que se passa em sua casa.	Durante a realização das tarefas e durante as participações orais.	Conversa com a criança, com o professor e com os familiares. Dependendo do caso faz atendimentos individuais ou em grupo.

Fonte: Pesquisa própria, jun. 2019.

Os problemas de aprendizagem podem estar associados a tendências de baixa autoestima no ambiente escolar, já que cada aluno possui um ritmo próprio, uma tendência que lhe é própria, aprende ouvindo ou escrevendo, vale ter em mente que cada aluno é um e seu modo de aprender e compreender é singular, tendo a autoestima papel construtor da sua relação com a escola e sua aprendizagem.

A aprendizagem pode ser entendida como um processo comportamental onde as condições, psicológicas e emocionais são necessárias para um bom rendimento e é obtida através das experiências compartilhadas com o próprio meio e com os participantes dele.

Diz-se que o professor é co-autor desse processo, o conhecimento é usado e reutilizado criando novas maneiras de ser propagado, como constatado todos os professores e o orientador educacional apresentam facilidades na identificação de problemas de aprendizagem e observam seus alunos em sua prática diária. Quando os docentes possuem preparo para lidar com os problemas de aprendizagem, uma relação de construção de uma autoestima positiva é construída, segundo Andrade

(2017) não se pode separar os processos de aprendizagem dos processos de ensino, no sentido de que a forma como um professor planeja o ensino e interage com seus alunos é decisiva para uma aprendizagem significativa, carregada de significações onde o educador é o mediador que dá o apoio necessário para o aluno em sua dificuldade e o auxilia em seu autoconhecimento.

Segundo Pinto (2014) as relações interpessoais que acontecem de forma harmônica, refletem positivamente na qualidade do trabalho do educador, a interação entre professor e aluno e o OE são fatores que condicionam o desenvolvimento da aprendizagem, já que por ser um processo complexo é necessário que exista uma pedagogia que envolva o afeto e todos os dias se tenha troca de ideias e fortalecimento e construção de vínculos.

A ação frente a problemas de autoestima vai de acordo com a prática escolhida e o contato do professor com o aluno, no caso do OE os casos recorrentes chegam primeiramente pelos professores, que antes de sua atuação fazem a mediação, ambos os professores possuem uma forma distinta de agir. Veiga, Leite e Duarte (2005) defendem que para lidar com questões de diversidade e problemas de aprendizagem no ambiente escolar, é necessário discutirmos as capacitações que são oferecidas aos professores, para que se tenha a consideração de elementos específicos em suas práticas que ajude o professor a lidar com as diversas questões existentes, aproximando o professor da realidade de seu aluno, tendo o docente que exercitar a constante reflexão e se atentar constantemente para as peculiaridades de seus alunos, para que assim consiga trabalhar melhor questões de autoestima.

As questões de autoestima no ambiente escolar merecem atenção, porque fazem parte da vida do aluno e do professor, bem como a ação do OE de acompanhamentos individuais ou em grupos é extremamente importante para construção de vínculos e possibilidades, já que segundo Kassir (2006) as vozes dos outros fazem parte do cotidiano das crianças, já que o processo educacional das pessoas são constituídos de memórias e histórias, que são constantemente reforçadas e reconstruídas, tendo todos os atores educacionais forte influência no trabalho do autoconhecimento, reforçando assim a importância da escola em ajudar a criança a se autoconhecer e ser capaz de ser ativa na construção de sua autoestima.

- Quanto a atuação do OE para lidar com questões de autoestima:

O OE é o profissional mais preparado no contexto escolar para lidar com questões de autoestima, já que fica sabendo dessas questões pela sua participação ativa em todas as ações da escola, que vão desde a escuta dos professores em conselhos de classe ou situações particulares de procura pelos pais e alunos para relatos.

Silva (2015) quando pensa na figura do OE nos deixa claro a importância deste profissional para o fortalecimento entre o contato da escola com a comunidade, para que assim consiga entender a história real que é vivida pelos alunos e o papel fundamental que possui na vida de todos os protagonistas escolares (alunos, professores e famílias), já que é responsável pela mediação entre todos no ambiente escolar.

Em uma das perguntas feitas no questionário, foi possível se inserir na realidade do Orientador Educacional e tirar conclusões valiosas quanto a sua atuação:

Pergunta: Quando você detecta o problema de autoestima, como você diferencia e age?

Orientador Educacional: “Após detectar procuro observar a criança, conversar com ela, com o professor e com os familiares. Dependendo do caso faço atendimentos individuais ou em grupo. Eu trabalho autoestima de forma diferente fazendo o estudante entender que todos temos qualidades e defeitos, que ninguém precisa ser melhor que ninguém, mas que devemos fazer o nosso melhor em tudo o que formos fazer. Trabalho que tudo bem não ser o melhor em algumas coisas, trabalho a autocompaixão que esquecemos de desenvolver e é tão importante quanto a autoestima. ”

(Resposta ao questionário aplicado, OE)

Segundo Bugone, Dalabetha e Bagnara (2016) não cabe mais a OE pensar somente em alunos-problema, atualmente é exigido desse profissional que contribua para a solução dos problemas que são enfrentados pelo estudante, numa busca pela compreensão do sujeito em sua totalidade e de suas relações dentro e fora da escola, já que é um profissional que precisa ter compromisso e cautela quando se trata de

relações sentimentais, valores e atitudes de seus educandos, devendo ter em mente que cada aluno é um ser único e que além de respeito, precisa de atenção, carinho e afeto para que consiga ter relações positivas e construtivas em sua vida.

O enfoque do OE se dá pelo que define Luck (2011) abordagem pesquisa-ação, consiste em entender questões subjetivas ligadas ao indivíduo, no caso, o objeto de estudo autoestima, identificando primeiramente através dos comportamentos e observações acerca da criança que são identificados pelos professores e família, a análise de um material teórico que embase a ação do OE, nesse caso foi trazido o estudo da autocompaixão como forma de fortalecimento da autoestima, norteador a sua prática e fortalecendo sua ação em frente ao problema, além de estabelecer objetivos que sejam atendidos em longo prazo (no caso, trabalho do autoconhecimento, da capacidade e da importância para os contextos os quais fazem parte), estando o OE sempre atento as suas estratégias e apto a lidar com mudanças que podem vir a acontecer durante o processo.

O OE quando busca entender a criança, seu problema e como estão as relações construídas considera a individualidade do educando, quando opta por fazer trabalhos individuais ou em grupo, busca por meio da interação trabalhar a noção de capacidade e autovalorização com o educando, o que convida a criança a refletir sobre si mesma, quando faz o estudante entender sobre suas qualidades e defeitos, trabalha o elogio, que segundo Waitley (1995) os elogios mais poderosos são os feitos quando o indivíduo menos espera, tornando assim sua atuação essencial para o trabalho com a autoestima do educando.

O Conceito de autocompaixão trazido pelo OE é tão importante quanto a autoestima porque diz respeito a sabermos que não somos perfeitos em tudo e nunca seremos, já que vivemos em um mundo que exige de nós a perfeição em tudo o tempo todo, o que ao associarmos com autoestima e tecnologia consegue se estender:

Orientador Educacional: *“Vejo que a tecnologia influencia muito a autoestima e o autoconceito dos estudantes. Todos querem ser e se vestir como determinado blogueiro ou artista. As crianças estão deixando de ter relações sociais para terem relações virtuais. Para muitos o único espaço de interação é a escola.*

As redes sociais mostram uma vida que não existe de verdade ou que não é possível para 99% das pessoas e isto gera sentimentos de inadequação, inferioridade, tristeza e em alguns casos até depressão.”
(Resposta ao questionário aplicado, OE)

Segundo Picholari (2017) autocompaixão tem três elementos principais: a atenção plena que é reconhecer que as coisas podem acontecer caso você queira ou não, é a capacidade de lidar com mudanças de forma positiva, a gentileza consigo mesmo, deixando de lado a autocrítica, não se cobrar tanto por ser quem é e ver a importância de si e o senso de humanidade comum que se diz a respeito de que todos nós passamos por inúmeras experiências emocionais, o que pode nos permitir se conectar com as pessoas, a autocompaixão está ligada ao fato da pessoa se reconhecer e cuidar de si mesma, se respeitar e saber que tudo bem não atender a um determinado padrão, você não vai ser menos por isso.

Atualmente podemos presenciar a autocrítica nas crianças, que passam muito tempo conectadas e querem atender tendências a qualquer custo, as crianças que não conseguem atender a essas exigências tendem a apresentar tendências a baixa autoestima, que acabam sendo acarretadas pela propagação da indústria de consumo e vulnerabilizando as relações sociais, já que segundo Rezende (2002) os educadores devem formar e trabalhar com seus alunos uma formação crítica quanto ao uso de tecnologia e as interpretações do mundo criadas pelos alunos, pensando além de seu uso benéfico, já que inova as práticas pedagógicas e ajuda na elaboração de materiais didáticos, tendo em mente que cada indivíduo apresenta uma significação própria daquilo que tem contato nas redes.

Quanto ao espaço físico de atuação dentro da escola, o OE tem grande autonomia para atuar:

“A escola me dá liberdade total para atuar tanto na sala do SOE quanto nas salas de aula. A sala do SOE é um espaço grande, confortável e possui os mobiliários necessários e recursos para atendimentos. Sinto falta apenas de uma mesa redonda.

“A gestão apoia todas as atividades e projetos desenvolvidos pelo SOE.”

“Os professores acatam minhas sugestões, pedem a minha presença quando vão receber algum pai e pedem ajuda quando necessitam.”

(Resposta ao questionário aplicado, OE)

Rangel (2015) reforça que todo lugar existente na escola é um espaço de atuação do OE, o OE também tem espaço de atuação significativo dentro da escola, já que sua sala é muito mais do que só um espaço físico, é o lugar onde encontra-se uma pessoa que se possa compartilhar todas as impressões, sentimentos, dificuldades e problemas, onde sempre cada ator social que faz parte da escola encontrará receptividade, otimismo e motivação, além de parceria, como ocorre por parte da gestão, e dos professores, tendo o OE grande importância para o desenvolvimento de projetos e mediações com alunos, professores e pais, sendo a figura central para acolhimento, encontro e inclusão no ambiente escolar, quando sente falta de sua mesa redonda, percebe-se que a necessidade de uma mesa redonda nos remete a noção de proximidade, de acolhimento e de carinho.

Quando o papel do OE é bem definido, melhores serão trabalhados problemas recorrentes a autoestima, já que em sua prática deve ser considerado que:

“ A autoestima contribui para a saúde mental, emocional, física e também para com as relações sociais de uma pessoa, já que um desequilíbrio pode acarretar vários sintomas capazes de interferir no convívio interpessoal do indivíduo. Este desequilíbrio pode ser caracterizado por sintomas como: complexo de inferioridade, sentimento de incapacidade, medo, tristeza, apatia, desânimo e angústias, isso quando a autoestima está em nível baixo. Quando se têm um bom nível de autoestima, quando a soma dos valores, crenças, vivências obteve um resultado positivo, o indivíduo se aceita e tem uma boa percepção de si, o que automaticamente reflete em sua autoimagem. ” (FLORIANI; MARCANTE; BRAGGIO, 2010, p. 11)

Quando se trata da autoestima algumas tendências tendem a ser parecidas, vale lembrar que cada aluno é um, ou seja, a autoestima é o contato pessoal com si mesmo, que envolve em seus aspectos fatores internos e externos que induzem a certos tipos de comportamentos e ações, tendo a escola e a família contribuições importantes para esse desenvolvimento saudável e positivo e intimamente ligadas a fatores construtores de personalidade e fatores decisórios para posterior crescimento da criança, que são amplamente considerados na prática do OE com problemas recorrentes acerca do objeto de estudo.

Ao relacionar a importância do OE para a construção do reconhecimento de si do aluno, Grinspun (2011) acredita que o trabalho da orientação deve estar voltado para a construção subjetiva do aluno, ajudando-o com suas potencialidades, agindo em prol da ampliação de possibilidades, com os recursos que possui, refletindo sobre essa construção, como uma obra em construção, jamais acabada, ou seja, a importância do trabalho do OE é evidentemente importante e envolve grandes responsabilidades e deve ter como foco o aluno e sua totalidade, que vai desde o ambiente familiar até o escolar, criando condições favoráveis ao desenvolvimento do aluno e um ambiente acolhedor de escuta.

Segundo Silva e Nascimento (2016) o OE não apenas desempenha função de mediador de conflitos como podia ser visto antigamente, sua atuação influencia na percepção da imagem que o aluno cria da escola e de si próprio, contribuindo de forma significativa aos processos educacionais, além de fazer toda a diferença quando atua conjuntamente com a gestão da escola, pais e professores.

A importância do OE é imprescindível para o trabalho com a autoestima, vale lembrar que em muitas escolas seu papel é confundido, não sobrando tempo para a consideração desses aspectos em sua prática, muitos problemas em uma escola no que se trata de autoestima podem passar despercebidos pelo Oe, já que só ficam sabendo logo depois e quando o problema está incomodando as relações escolares, o que acarreta a necessidade de cursos voltados a uma prática transformadora e reflexiva, que considera os aspectos emocionais dos educandos e dos educadores, para que juntos construam significações valiosas sobre si e sobre a realidade educacional a qual fazem partes, cada transformação exige uma ação que não deve ser apenas restrita a figura do OE, mas aberta a todos aqueles que participam diariamente da educação que também passam pela construção da autoestima própria e dos outros em sua plenitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar a autoestima não é tarefa fácil, primeiramente por seus vários sentidos, está presente em toda prática pedagógica e em cada contato com si mesmo que o educando estabelece, ela tem influência sobre nós mesmos em como nos vemos, nos comportamos e com os outros que participam de nossas vidas, é parte de cada um e merece atenção.

É necessário estudos posteriores que contemplem o processo de aprendizagem aliado a construção da autoestima, bem como instrumentos avaliativos com caráter fortalecedor da autoestima na elaboração de provas e reforços positivos por parte dos educadores e gestores, já que a medida que as crianças avançam na escola, menos se trabalha questões de autoestima, como pode se constatar na diferença entre a atuação dos professores na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I o que com o decorrer dos anos vem se efetivando com os avanços da sociedade da informação, já que vivemos em uma sociedade que atribui para a escola as soluções dos problemas e o depósito de expectativas que devem ser resolvidas.

Surge também a necessidade de formar profissionais da educação e orientadores educacionais para trabalhar com o assunto, já que a importância do trabalho do OE é imprescindível quando se trata dessas questões, é o profissional mais preparado e tem uma atuação extremamente forte, tendo este um super papel no contexto escolar e sua prática limitada e decisiva, porque só acaba sabendo dessas questões quando as relações escolares estão prejudicadas e muitas questões acabam passando despercebidas e reforçadas na própria sala de aula pelos próprios docentes, além também de ter a necessidade de um diálogo entre a pedagogia e a psicologia para que ambas consigam atender as diversas exigências e questões que permeiam o contexto escolar, em todos os seus amplos aspectos, tornando a escola um espaço de significação construtiva e de um trabalho multidisciplinar valoroso.

Existe baixo conhecimento na área, o que acaba limitando os métodos e as abordagens para lidar com o assunto, deixando questões pertinentes se perpetuarem ao longo da vida, o entendimento da singularidade e dos processos de construção da imagem do aluno devem ser focos de trabalho da escola, que acaba se distraindo em meio às tantas exigências que lhe são atribuídas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. A. Autoestima e aprendizagem escolar: uma visão psicopedagógica. **Educere**, Curitiba, p.5511-5526, ago. 2017. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23322_12193.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2019.

ANTHONY, R. **As chaves da autoconfiança**: O guia avançado para vencer na vida. Rio de Janeiro: Best Seller, 1980. 220 p.

AURÉLIO. **Dicionário do Aurélio Online** 2018. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/autoestima>>. Acesso em: 12 de abr. 2019.

BARROS, R.C. O reflexo da família no comportamento da criança. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas**, Itapeva, p.1-7, nov. 2013. Disponível em: <http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/THCpRARdfgT2Eyw_2014-4-16-21-4-22.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2019.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994, caps. 1 e 2.

BORGES, C.C.; MAGALHÃES, A. S. **Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família**. Psico, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p.42-49, mar. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/3993/4140>>. Acesso em: 13 maio 2019.

BRANDEN, N. O que é auto-estima? In: CLARET, Martin. **O poder da auto-estima**: Você tem o poder de mudar sua vida. São Paulo: Martin Claret, 1995. Cap. 1. p. 9-20.

BRASIL, DECRETO – Nº 72.846, de 26 de setembro de 1973. Provê sobre o exercício da profissão de orientador educacional.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf >. Acesso em: 25 abr. 2019.

BRASIL. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Congresso. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. **Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF., 25 jun. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm

BUGONE, A. C.; DALABETHA, A.; BAGNARA, I. C. O orientador educacional e seus desafios no contexto escolar. **Revista de Educação do Ideau**, Alto Uruguai, v. 11, n.

23, p.1-14, jun. 2016. Disponível em: <https://www.ideal.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/360_1.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2019.

Creswell, J. W. Projeto de pesquisa: **métodos qualitativo, quantitativo e misto** / John W. Creswell; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.

FLORIANI, F. M.; MARCANTE, M. D. S.; BRAGGIO, L. A. **Auto-estima e auto-imagem: a relação com a estética**. 2010. 15 f. TCC (Graduação) - Curso de Cosmetologia, Univali, Santa Catarina, 2010. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Flavia%20Monique%20Floriani,%20M%C3%A1rgara%20Dayana%20da%20Silva%20Marcante.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2019.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>. Acesso em: 9 mai. 2019.

GRINSPUN, M. P.S. Z. A orientação Educacional: Conflito de paradigmas e alternativas para a escola. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KASSAR, M. C.M. **Quando eu entrei na escola... Memórias de passagens escolares**. Cedes, Campinas, v. 26, n. 68, p.60-73, abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n68/a05v26n68.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2019.

LUCK, H. Planejamento em orientação educacional. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 176 p.

MENDES, A. R.; DOHMS, K. P.; LETTNIN, C.; ZACHARIAS, J.; MOSQUERA, J. J. M.; STOBAS, C. D. Autoimagem, autoestima e autoconceito: contribuições pessoais e profissionais na docência. **I Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, Caxias do Sul, p.1-13, ago. 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/724/374>>. Acesso em: 9 mai. 2019.

PICHOLARI, G. **Autocompaixão: A essência da felicidade**. São Paulo: Olhar Fértil, 2017. 55 p. Disponível em: <<http://www.olharfertil.co/wp-content/uploads/2017/10/LIVRO-AUTOCOMPAIXAO-E-FELICIDADE.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2019

PINTO, M. F. R. **As relações interpessoais e a aprendizagem**. 2014. 31 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, Universidade Estadual da Paraíba, Itaporanga, 2014. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/10249/1/PDF%20-%20MARIA%20DE%20F%C3%81TIMA%20ROQUE%20PINTO.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2019.

RANGEL, M. Orientação educacional e suas ações no contexto atual da escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SANTIS, L. M. O. A prática do pedagogo orientador educacional no ensino público do Distrito Federal: em rede social. I Congresso Internacional de Pedagogia Social, 2006, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em:

<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100026&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 03 mai. 2019.

SILVA, A. V.; NASCIMENTO, B. C. **O papel do orientador educacional na escola pública: o caso da escola municipal de educação infantil professora Quintina Diniz**. 2016. 12 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade São Luís de França, Aracaju, 2016. Disponível em: <<https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc5-8.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

SILVA, B. L. G. O. **O papel do orientador educacional**. 2015. 45 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/11817/1/2015_B%C3%A1rbaraLuizaGuimar%C3%A3esdeOliveiradaSilva.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2019.

TEIXEIRA, A. T. J.; FROES, R. C.; ZAGO, E. C. A comunicação e o relacionamento da família atual em virtude dos novos tempos. **Revista Eletrônica de Comunicação**, Unifacef, v. 1, n. 1, p.1-7, jun. 2006. Disponível em: <http://legacy.unifacef.com.br/rec/ed01/ed01_art01.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (Rio Grande do Sul). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ufrgs, 2009. 120 p. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2019.

VEIGA, L.; LEITE, M. R. S. D. T.; DUARTE, V. C. Qualificação, Competência Técnica e Inovação no Ofício Docente para a Melhoria da Qualidade do Ensino Fundamental. **Rac**, São Paulo, v. 9, n. 3, p.143-167, set. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v9n3/v9n3a08.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2019.

WAITLEY, D. A Autovalorização. In: CLARET, Martin. **O poder da auto-estima**: Você tem o poder de mudar sua vida. São Paulo: Martin Claret, 1995. p. 49-65.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A ATUAÇÃO DO ORIENTADOR NA PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO DA AUTOESTIMA DO EDUCANDO

Prezado orientador, esse questionário tem como objetivo a coleta de informações acerca da autoestima no ambiente escolar e a importância do orientador educacional para a superação e detecção de situações que envolvam a autoestima e suas implicações, responda com atenção às questões abaixo:

1- Como você fica sabendo sobre as questões recorrentes de autoestima?

2- Quando você detecta o problema de autoestima, como você diferencia e age?

3- Como é o seu espaço físico de atuação dentro da escola?

4- Como é a aceitabilidade por parte da gestão (equipe escolar) de seus projetos sobre autoestima?

5- Como é a relação familiar dentro da escola?

6- Como é a sua relação com os professores? Descreva.

7- Na sua opinião, como a tecnologia tem influenciado na construção da autoestima?

Muito obrigada por dedicar o seu tempo!

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A ATUAÇÃO DO ORIENTADOR NA PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO DA AUTOESTIMA DO EDUCANDO

Prezado professor, esse questionário tem como objetivo a coleta de informações acerca da autoestima no ambiente escolar e a importância do orientador educacional para a superação e detecção de situações que envolvam a autoestima e suas implicações, bem como a importância do professor/educador nesse processo de construção. Responda com atenção às questões abaixo:

1-O que é autoestima para você? Explique.

2- Você aborda esse tema em suas aulas? Se sim, como?

3- Como você acha que a tecnologia tem influenciado na construção da autoestima?

4- Que comportamentos na sua opinião, se apresenta um aluno com baixa e alta autoestima? Descreva.

5-Você se considera satisfeito profissionalmente? Justifique.

6-Como você detecta problemas de aprendizagem? Descreva.

7- Quantos alunos você tem em sua sala?

Muito obrigada por dedicar o seu tempo!

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A ATUAÇÃO DO ORIENTADOR NA PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO DA AUTOESTIMA DO EDUCANDO

Prezado aluno, essa entrevista tem como objetivo a coleta de informações acerca da autoestima no ambiente escolar e a importância do orientador educacional para a superação e detecção de situações que envolvam a autoestima e suas implicações, bem como a importância do seu agir e do seu modo de se fazer parte do processo escolar e nele refletir sua autoestima.

1- Como é na sua casa quando você se propõe a fazer alguma coisa? (Exemplo: lavar a louça, ajudar a mamãe)

2- Com quem você passa mais tempo fora da escola?

3- Como os colegas te tratam na sala? Você brinca com eles? Você tem muitos amigos?

4- Como você se vê em relação aos outros colegas? O que você sempre espera deles?

5- Como a professora te trata na sala? Se busca aceitabilidade por parte da professora, visão que a prof. Passa dele para a turma, etc.

6- Como a sua família é quando se trata de uso de celular, videogame? Todos ficam muito tempo no celular?